



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS – CCJ
COORDENAÇÃO DO CURSO DE DIREITO – CAMPUS JOÃO PESSOA
COORDENAÇÃO DE MONOGRAFIA**

RAPHAELLA LOURENÇO BARRETO

**O PERFIL DOS SERIAL KILLERS: ESTUDO DE CASOS (TED BUNDY E
PEDRINHO MATADOR)**

**JOÃO PESSOA
2022**

RAPHAELLA LOURENÇO BARRETO

**O PERFIL DOS SERIAL KILLERS: ESTUDO DE CASOS (TED BUNDY E
PEDRINHO MATADOR)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Direito de João
Pessoa do Centro de Ciências Jurídicas da
Universidade Federal da Paraíba como
requisito parcial da obtenção do grau de
Bacharel em Direito.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lenilma Cristina Sena
de Figueiredo Meirelles

JOÃO PESSOA
2022

**Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação**

B273p Barreto, Raphaella Lourenço.

O perfil dos serial killers: estudo de casos (Ted Bundy e Pedrinho Matador). / Raphaella Lourenço Barreto. - João Pessoa, 2022.

63 f. : il.

Orientação: Lenilma Cristina Sena de Figueiredo Meirelles.

Monografia (Graduação) - UFPB/CCJ.

1. Serial Killers. 2. Investigação. 3. Perfil criminal. 4. Meios de prova. 5. Elucidação. I. Meirelles, Lenilma Cristina Sena de Figueiredo. II. Título.

UFPB/CCJ

CDU 34

RAPHAELLA LOURENÇO BARRETO

**O PERFIL DOS SERIAL KILLERS: ESTUDO DE CASOS (TED BUNDY E
PEDRINHO MATADOR)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Direito de João
Pessoa do Centro de Ciências Jurídicas da
Universidade Federal da Paraíba como
requisito parcial da obtenção do grau de
Bacharel em Direito.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lenilma Cristina Sena
de Figueiredo Meirelles

DATA DA APROVAÇÃO: 20 DE JUNHO DE 2022

BANCA EXAMINADORA:

Lenilma Cristina Sena de Figueiredo Meirelles
**Prof.^a Dr.^a LENILMA CRISTINA SENA DE FIGUEIREDO MEIRELLES
(ORIENTADORA)**

Eduardo Cavalcanti
**Prof. Me. EDUARDO DE ARAÚJO CAVALCANTI
(AVALIADOR)**

Romulo Rhemio Palitot Braga
**Prof. Dr. ROMULO RHEMIO PALITOT BRAGA
(AVALIADOR)**

*Dedico este trabalho aos meus pais, sem eles e seus
ensinamentos eu não seria metade de quem eu sou.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e a Nossa Senhora de Fátima, pois sem eles, e principalmente o colo dela, não teria conseguido a força necessária à conclusão do curso e à finalização da presente pesquisa.

Agradeço aos meus pais pela paciência, especialmente minha mãe Joacilene e meu irmão Benjamin, que suportaram todos os momentos difíceis de estresse, medo, insegurança e ansiedade pelos quais passei. Também aos meus familiares, em especial as minhas tias Paulete, Nete, dinda Jani e Zilda, que me prestaram apoio e torcida, além de acompanharem, de perto, cada pequena vitória.

Agradeço também a Camila, minha eterna amiga e revisora, com quem dividi angústias, momentos de incertezas e com quem discuti cada capítulo do trabalho. Obrigada pelo serviço de excelência e a parceria amiga.

A todos os meus amigos que participaram dessa jornada, principalmente Isabel e Luís Gabriel, agradeço toda a paciência, escuta, torcida, apoio e motivação nos momentos difíceis, agradeço, sobretudo, por torná-los mais leves e descontraídos.

Aos meus amigos do Ministério de Música da Pastoral da Crisma da Paróquia Nossa Senhora de Fátima, que sempre me apoiaram e incentivaram desde antes de entrar no curso e que tem caminhado comigo nos momentos bons e difíceis, tornando tudo mais leve. Deixo aqui o meu agradecimento especial a Thiago Viana e João Victor.

A minha irmã de círculo Lizandra, pela presença e partilha de todos os momentos da vida acadêmica e religiosa. Obrigada por todas as conversas maravilhosas e pelo incentivo. Agradeço, igualmente, aos meus pais de círculo pela confiança e apoio.

Aos meus colegas de curso, com quem vivi intensamente durante todo o tempo da graduação, em especial Clarice, Geanniny, Webster, Anninha, Giulia, Helô, Ellen, Bruna, Luana e Rafa. Nada é capaz de apagar os bons momentos e ninguém pode mensurar as experiências que tivemos juntos e o tamanho da nossa amizade.

A minha orientadora Lenilma, que sempre foi como uma verdadeira mãe, mais que uma professora, tenho-a como uma grande amiga. Obrigada pela paciência, pelo conhecimento repassado, por me guiar da melhor forma possível e ter feito isso com tanta dedicação e zelo, tudo foi fundamental para que o presente trabalho fosse concluído.

Aos professores, que tanto me ensinaram ao longo da graduação e são extremamente importantes para minha formação profissional. Em especial ao professor Eduardo Cavalcanti e José Neto, obrigada por todas as aulas maravilhosas e acolhedoras

mesmo num período difícil de pandemia, os senhores foram indispensáveis e tornaram nossos dias mais leves.

A todos que participaram direta e indiretamente da minha graduação e do desenvolvimento deste trabalho, enriquecendo o meu processo de aprendizado e me dando apoio e motivação para concluí-lo.

*Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é
senão uma gota de água no mar. Mas o mar seria
menor se lhe faltasse uma gota.*

(Santa Madre Teresa de Calcutá)

RESUMO

O presente trabalho, intitulado ‘O perfil dos *serial killers*: estudo de caso’, tem como objetivo buscar entender a partir dos estudos advindos da área da psicopatologia forense, da criminologia, da psicologia forense, os principais tipos e as fases do ciclo dos *serial killers*, e a partir desse entendimento identificar o comportamento de tais agentes, o porquê eles matam, as características em comum, bem como perfilar essas pessoas portadoras de patologia mental, na fase da investigação criminal. Os métodos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa foram: (i) o bibliográfico, consistente na consulta e fichamento de artigos, livros e revistas especializadas sobre o assunto e, (ii) o estudo de caso que se prestou à análise de acontecimentos reais que tiveram repercussão na mídia nacional e internacional, com o fim de retratar e, mais do que isso, perfilar os assassinos em série: como escolhem suas vítimas, quais os gostos, o que procuram e por que matam. Os resultados alcançados notadamente mediante o estudo de casos reais consistiram na compreensão prática dos quatro principais tipos de *serial killers*, a saber: *visionário*, *missionário*, *emotivo* e *libertino*; bem como na aplicação de técnicas e métodos especializados, como a entrevista guiada e o emprego de meios de provas apropriadas à descoberta da autoria e materialidade delitivas. Ao final, concluiu-se que a técnica do perfilamento, comumente utilizada nos Estados Unidos, juntamente com a entrevista e outros meios de prova, funcionam adequadamente durante as investigações e apontam de modo suficiente para a elucidação dos fatos (autoria e materialidade), como restou demonstrado nos casos Ted Bundy e Pedrinho Matador, embora não se deixe de reconhecer as inúmeras variantes e dificuldades na elucidação dos assassinatos em série, que continuam a suscitar dúvidas e desafiar os mais argutos e preparados investigadores.

Palavras-chave: *serial killers*; investigação; perfil criminal; meios de prova; elucidação.

ABSTRACT

The present paper, entitled 'The profile of *serial killers*: a case study', aims to understand the main types and phases of the *serial killer* cycle, based on studies in the areas of forensic psychopathology, criminology and forensic psychology, and from this understanding, to identify the behavior of such agents, why they kill, and the characteristics in common, as well as to profile these people with mental pathology during the criminal investigation phase. The methods used for the development of the research were: (i) the bibliographical, consisting of the consultation and analysis of articles, books and specialized magazines on the subject and, (ii) the case study that was used to analyze real events that had repercussions in the national and international media, with the purpose of portraying and, more than that, profiling serial killers: how they choose their victims, what their tastes are, what they seek and why they kill. The results achieved, notably through the study of real cases, consisted in the practical understanding of the four main types of *serial killers*, namely: *visionary*, *missionary*, *emotional*, and *libertine*; as well as in the application of specialized techniques and methods, such as the guided interview and the use of appropriate means of evidence to discover the authorship and materiality of the crime. In the end, it was concluded that the profiling technique, commonly used in the United States, together with the interview and other means of evidence, work adequately during the investigations and point sufficiently to the elucidation of the facts (authorship and materiality), as demonstrated in the cases of Ted Bundy and Pedrinho Matador.

Key-words: *serial killers*; investigation; criminal profiling; means of proof; elucidation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Ted Bundy	48
Figura 2 - Retrato falado feito após os desaparecimentos no Lago Sammamish	51
Figura 3 - Pedrinho Matador	55
Figura 4 - Pedrinho Matador atualmente	59

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Dez traços característicos dos Serial Killers	18
Quadro 2 - Características dos organizados e desorganizados para o perfil criminal	28

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FBI - FEDERAL BUREAU OF INVESTIGATION

NIJ – NATIONAL INSTITUTES OF JUSTICE

BEA - BEHAVIOURAL EVIDENCE ANALYSIS

VICAP - VIOLENT CRIMINAL APPREHENSION PROGRAM

NCAVC - NATIONAL CENTER FOR THE ANALYSIS OF VIOLENT CRIME

CPRP - CRIMINAL PERSONALITIES RESEARCH PROJECT

CPP - CÓDIGO DE PROCESSO PENAL

CFRB - CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 ANATOMIA DO MAL	16
2.1 QUEM SÃO OS <i>SERIAL KILLERS</i>?	16
2.2 POR QUE ELES MATAM?	20
2.2.1 Atavismo	20
2.2.2 Danos Cerebrais	21
2.2.3 Abuso Infantil	21
2.2.4 Ódio pela mãe	23
2.2.5 Pornografia	23
2.3 OS TIPOS DE <i>SERIAL KILLERS</i>	24
2.3.1 Visionário	25
2.3.2 Missionário	25
2.3.3 Emotivo	25
2.3.4 Libertinos	26
2.4 AS FASES DO <i>SERIAL KILLER</i>	28
2.4.1 Fase Áurea	28
2.4.2 Fase da Pesca	28
2.4.3 Fase Galanteadora	29
2.4.4 Fase da Captura	29
2.4.5 Fase do Assassínato ou Fase Totem	29
2.4.6 Fase da Depressão	29
2.5 MODUS OPERANDI E ASSINATURA	29
2.6 QUEM É A VÍTIMA?	31
3 MINDHUNTER	32
3.1 INVESTIGAÇÃO	33
3.1.1 Análise do crime	33
3.1.2 O perfil criminal e a psicologia investigativa	36
3.1.3 O uso das redes sociais	39
3.1.4 A confissão do assassino	41
3.2 ENTREVISTAS COM <i>SERIAL KILLERS</i>	42
3.3 EFETIVIDADE DOS MEIOS PROBATÓRIOS DO PROCESSO PENAL EM CASOS DE <i>SERIAL KILLERS</i>	45

4 ESTUDO DE CASOS	48
4.1 CASO TED BUNDY	48
4.2 CASO PEDRINHO MATADOR	55
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	62

1 INTRODUÇÃO

A psicopatologia é um conjunto de conhecimentos referentes ao adoecimento mental do ser humano. É um campo que se esforça por ser sistemático, descriptivo, elucidativo e desmistificante. Visa a ser científico, não incluindo critérios de valor, nem dogmas e nem verdades a priori.

Diante do conceito de psicopatologia, segue o objeto principal do trabalho que é a partir dos estudos advindos na área, compreender como agem os *serial killers* e analisar os seus comportamentos, bem como a dinâmica empreendida pelos investigadores juntamente com seus auxiliares no procedimento investigatório para apuração de crimes cuja autoria se atribui aos portadores desse tipo de patologia.

O problema da pesquisa consiste na dificuldade encontrada pelos agentes de aplicação da lei e respectivos auxiliares, como investigadores, peritos criminais, psicólogos forenses, juízes, integrantes do MP, entre outros, durante a fase de investigação e instrução processual visando a descoberta da autoria da prática de crimes hediondos e/ou com requintes e crueldade, comumente atribuídos aos denominados *serial killers*.

Além da dificuldade enfrentada para se alcançar a autoria, entraves, igualmente, encontram-se no *modus operandi* ou na forma como esses crimes foram cometidos, bem como o sentimento que alimentou o seu autor antes, durante e após a execução. Diante do problema apresentado, urge verificar se o perfil criminal se apresenta como uma forma útil e suficiente para a elucidação dos crimes cometidos pelos *serial killers*, bem como analisar se apenas os meios de provas convencionalmente previstos no processo penal são efetivos e suficientes para a elucidação dos crimes perpetrados por tais indivíduos.

O objetivo geral do trabalho é compreender através dos estudos advindos da psicopatologia forense como funciona a mente de um *serial killer*, e, dessa forma, saber como perfilá-los corretamente para que não haja erros no momento da elucidação e conclusão das investigações. De igual modo, a partir dos estudos da criminologia e dos meios de prova previstos no processo penal, compreender como funcionam os métodos de investigação e se são efetivos e suficientes.

A título de objetivos específicos busca-se identificar quem são os *serial killers* e seus tipos; apontar as fases de cada ciclo; caracterizar as vítimas escolhidas; identificar as formas de atuação dos profissionais que trabalham nesses casos; enumerar os métodos de investigação aplicáveis; e analisar casos mais conhecidos de *serial killers*.

O estudo do tema é importante na medida em que trabalha com um tipo de patologia mental que, segundo registros amplamente divulgados pela mídia, influencia no *modus operandi* do crime e provoca a manifestação de um conjunto de sentimentos apresentados tanto pelos populares como também pelos profissionais, até os mais experientes que trabalham na área criminal, como a perplexidade, a indignação, a dúvida e, sobretudo, a curiosidade. Basta recordar o caso dos Assassinos do Pântano Ian Brady e Myra Hindley, emblemático por ter chocado e feito todos os presentes à sala do tribunal, até mesmo os policiais mais experientes, chorarem ao ouvirem a reprodução da fita que o casal gravou dos momentos de tortura da pequena Lesley Ann Downey de dez anos, última vítima deles, com pedidos comoventes de misericórdia antes de matá-la.

A metodologia empregada ao longo do trabalho é a análise de documentos - livros, sites, artigos e legislação - atrelada com a metodologia descritiva utilizada nos estudos de casos. Vale salientar, que a bibliografia utilizada e os fundamentos analíticos sobre a atuação dos denominados *serial killers* baseiam-se em estudos americanos e, predominantemente, em casos divulgados amplamente pela mídia americana. De igual modo, as técnicas de investigação são as desenvolvidas por cientistas americanos e postas em prática na realidade dos processos criminais norte-americanos.

O presente trabalho está dividido em três capítulos: o primeiro denominado “*Anatomia do Mal*” que visa evidenciar quem são os *serial killers*; porque matam; tipos, fases e classificação; *modus operandi* e assinatura, e, por fim, quem são suas vítimas; o segundo “*Mindhunter*” propõe-se a demonstrar exatamente como funcionam as investigações e os métodos utilizados, assim como detalhar as entrevistas e como referida técnica pode auxiliar as investigações, além da análise de outros meios de provas. O último capítulo dedica-se ao estudo de dois casos emblemáticos, nos quais figuram *serial killers* de projeção internacional e nacional, respectivamente - um americano, Ted Bundy, e um brasileiro, Pedrinho Matador – oferecendo-se, a partir de tais casos, uma análise dos principais desdobramentos da investigação respeitantes aos meios de prova e a sua eficiência na elucidação da autoria e materialidade.

2 ANATOMIA DO MAL

“De todas as criaturas já feitas, o homem é o mais detestável...Ele é a única criatura que causa dor por esporte, com consciência de que isso é dor.”

Mark Twain

Inicia-se o presente capítulo parafraseando o título do livro de Harold Schechter¹: anatomia do mal. Conforme preleciona referido escritor, a expressão traduz a brutalidade dos atos criminosos praticados pelos assassinos em série, bem como a intensidade da dor causada e as consequências nefastas que deixam nas vítimas e familiares, não há, portanto, forma melhor de descrever o estudo sobre tais indivíduos do que “anatomia do mal”.

A partir dessa compreensão tem-se os famosos *serial killers* como exemplos vivos do mal e que, na maioria das vezes, estão mais próximos do que se imagina.

Mas quem são eles? Por que matam? Como agem? Existem diferenças? As respostas para essas perguntas, e mais algumas outras, que são estudadas pela psicopatologia forense, estão logo a seguir.

2.1 QUEM SÃO OS *SERIAL KILLERS*?

Os *serial killers* são indivíduos que cometem uma série de homicídios considerados sexuais, mesmo que em muitos deles o ato sexual não se faça presente por determinado lapso temporal. Essa é uma das características de seu *modus operandi* que os diferencia de assassinos em massa e de assassinos relâmpagos.

Antes de descrever as características dos *serial killers*, é necessário compreender alguns termos e expressões ligados à temática. O primeiro deles, os *assassinos em massa* são conhecidos como verdadeiras “bombas-relógio humanas”, dado que por algum motivo relacionado ao seu estilo de vida acabam explodindo em um surto de violência devastadora e matam o maior número possível de vítimas, como as que estão no local do episódio. Nestes casos, quase sempre, os assassinos cometem suicídio.

Os *assassinos relâmpago*, são aqueles conhecidos por tornarem-se tão profundamente alienados e amargurados que não conseguem mais se sentir conectados à sociedade humana. A vida é resumida a nada e a fúria assassina fará com que esse indivíduo encontre uma forma de dar fim a sua intolerável existência, já que preferem também morrer a

¹ SCHECHTER, Harold. *Serial killers, anatomia do mal*. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2016

se entregar, mas quando se entregam sabem que vão passar a vida presos, ou seja, tem ciência de que a vida vai acabar de uma forma ou de outra. O mais importante consiste em seus ataques, pois querem mostrar que merecem consideração e que são especiais, por isso, às vezes, visam às pessoas que não lhes deram importância.

Mas a principal diferença entre os *assassinos em massa* e os *assassinos relâmpago* é a questão do movimento, uma vez que aquele mata em um único lugar, enquanto este se desloca de um lugar ao outro, matando durante o percurso.

Levando isso em consideração, o FBI² fez uma descrição dos *serial killers*, mas foi considerada muito estreita, uma vez que afirmava ser necessário a existência de pelo menos três homicídios ocorridos, em locais diferentes e a apresentação de um “período de calmaria” de pelo menos algumas horas a vários anos.

Por conta das razões apontadas, a definição do FBI foi corrigida pelo NIJ³, que define os crimes praticados pelos *serial killers* como:

Uma série de dois ou mais assassinatos cometidos como eventos separados, geralmente, mas nem sempre, por um criminoso atuando sozinho. Os crimes podem ocorrer durante um período de tempo que varia de horas a anos. Muitas vezes o motivo é psicológico e o comportamento do criminoso e as provas materiais observadas nas cenas dos crimes refletem nuances sádicas e sexuais. (SCHECHTER, 2016, p. 18)

Em uma reunião da Associação Internacional de Ciências Forense, em setembro de 1984, Robert Ressler⁴ e John Douglas⁵ da Unidade de Ciência Comportamental do FBI, juntamente com os professores Ann W. Burgess e Ralph D'Agostino, apresentaram alguns traços como características gerais desses assassinos, didaticamente apresentada por SCHECHTER (2016, p. 35), em sua obra, conforme transcrição do quadro abaixo:

01.	A maioria é composta de homens brancos solteiros.
02.	Tendem a ser inteligentes, com QI médio de “superdotados”.
03.	Apesar da inteligência, eles têm fraco desempenho escolar, histórico de empregos irregulares e acabam se tornando trabalhadores não qualificados.
04.	Vêm de um ambiente familiar conturbado ao extremo. Normalmente foram abandonados quando pequenos por seus pais e cresceram em lares desfeitos e disfuncionais dominados por suas mães.
05.	Há um longo histórico de problemas psiquiátricos, comportamento criminoso e alcoolismo em suas famílias.
06.	Enquanto crianças, sofrem consideráveis abusos - às vezes psicológicos, às vezes físicos,

² FBI - Federal Bureau of Investigation (Departamento Federal de Investigação)

³ NIJ - National Institutes of Justice (Instituto Nacional de Justiça)

⁴ Robert Kenneth Ressler - Ex-agente do FBI, criminólogo e escritor

⁵ John Edward Douglas - Ex-agente do FBI, criminólogo e escritor

	muitas vezes sexuais. Os brutais maus-tratos incutem profundos sentimentos de humilhação e impotência neles.
07.	Devido a ressentimentos em relação a pais distantes, ausentes ou abusivos, possuem dificuldade de lidar com figuras de autoridade masculinas. Dominados por suas mães, nutrem por elas uma forte hostilidade.
08.	Manifestam problemas mentais em uma idade precoce e muitas vezes são internados em instituições psiquiátricas quando crianças.
09.	Extremo isolamento social e ódio generalizado pelo mundo e por todos (incluindo eles mesmos), costumam ter tendência suicida na juventude.
10.	Demonstram interesse precoce e duradouro pela sexualidade degenerada e são obcecados por fetichismo, voyeurismo e pornografia violenta.

Quadro 1 - Dez traços característicos dos Serial Killers

Como se ver a partir da tabela acima, o quantitativo de vítimas não vai ser o único fator a diferenciar e determinar se aquele indivíduo não é um assassino comum e sim um *serial killer*. Além desses traços em comum, como bem demonstrado pela criminóloga e escritora brasileira Ilana Casoy⁶, é justamente a motivação que o agente tem para matar, ou até mesmo a falta dela, que vai ser extremamente importante para identificar a diferença entre eles. Acrescente-se, ainda, que a forma como escolhem suas vítimas e como agem, são essenciais para identificar um serial.

É importante compreender que apesar da maioria dos *serial killers* conhecidos serem homens brancos e bonitos de 25 a 35 anos, o que se tornou um estereótipo nos EUA que se encaixam nesse perfil, existem outros tipos de serial.

Em relação a esses outros *serial killers* que não são conhecidos ou até mesmo esquecidos, encontram-se mulheres como Aileen Wournos. De acordo com os registros trazidos por Casoy e Schechter, referida assassina demonstrou comportamento diferente do padrão de *serial killers* mulheres, preferindo matar com venenos e segurar suas vítimas enquanto agonizavam, matando-as a tiros, de forma extremamente violenta.

Conforme registros de casos envolvendo *serial killers* americanos, e de outros países como a Inglaterra, unidos em um dossiê acerca do tema por Harold Schechter em sua obra, há também *serial killers* que são homossexuais, bissexuais e jovens. Nesse último caso, é emblemático citar Jesse Pomeroy condenado a prisão perpétua aos 16 anos. Por outro lado, com idade mais avançada, Albert Fish, conhecido como o pior pervertido do mundo, que foi preso aos 64 anos.

⁶ CASOY, Ilana. **Serial Killer – Louco ou Cruel?** 6 Ed. São Paulo, Madras, 2014.

Vale salientar que, apesar da grande maioria dos *serial killers* norte-americanos serem brancos, este fato não vai ter relação com nenhuma base étnica ou racial, pois na verdade a preponderância de *serial killers* brancos nos EUA vai ser uma questão simplesmente demográfica. Segundo um artigo publicado em 28 de outubro de 2002 pelo New York Times⁷:

Serial killers negros ocorrem em proporção equivalente - ou mesmo ligeiramente superior - ao número de negros da população. De acordo com estudos recentes, entre 13% e 22% dos serial killers norte-americanos são afro-americanos. (NEW YORK TIMES, 2002, p.16)

Apesar de haver um número significativo de *serial killers* negros, conforme revela o estudo, eles são pouco conhecidos, pois - como será demonstrado adiante, os *serial killers* geralmente matam pessoas dentro de sua própria etnia, e assim como outros crimes envolvendo pessoas de grupos minoritários, a mídia não desenvolve uma cobertura abrangente de tais casos. Apesar disso, alguns *serial killers* como Jeffrey Dahmer⁸, que visava jovens afro-americanos e asiáticos por estar firmemente convencido de que a polícia daria menos atenção aos desaparecimentos por se tratarem de vítimas de grupos minoritários, se aproveitava dessa circunstância para não ser descoberto.

Portanto, é raro que matem pessoas de outra etnia ou procedam ao assassinato de pessoas de etnias variadas (forma mista), mas há registros desse tipo de ocorrência. Os exemplo que acabaram por surpreender as autoridades na época foram os Atiradores de Beltway⁹, pois os criminólogos e policiais colocaram em seu perfil criminal que se tratavam de suspeitos brancos, por apresentarem características comuns de assassinos em série, além do olhar às vítimas a partir dos estudos da vitimologia, mas depois de descobertos, assumiram o erro cometido nos perfis e admitiram serem atípicos em relação à visão e estudos existentes sobre referidos indivíduos.

Outra característica que pode ser identificada é a de que nem sempre os assassinos em série atacam sozinhos. Vários *serial killers* atuam em dupla, como Kenneth Bianchi e Angelo Buono conhecidos como os “Estranguladores da Colina”, ou em casal, como é o caso de Ian Brady e Myra Hindley, os famigerados “Assassinos do Pântano”, ou em família, como

⁷ KLEINFELD, ;GOODE, Erica. RETRACING A TRAIL: THE SNIPER SUSPECTS; Serial Killing's Squarest Pegs: Not Solo, White, Psychosexual or Picky. New York Times, New York, 28, out. 2002. Seção A.

⁸ Jeffrey Lionel Dahmer – Serial killer americano conhecido como “O canibal de Milwaukee” ou “O monstro de Milwaukee” que assassinou 17 homens e garotos entre 1978 e 1991. Seus crimes eram particularmente hediondos, envolvendo estupro, necrofilia e canibalismo.

⁹ John Allen Muhammad e Lee Boyd Malvo - Serial killers conhecidos como “Os Atiradores de Beltway”, cometeram uma série de tiroteios onde dez pessoas foram mortas e outras três ficaram gravemente feridas. Inicialmente eles tinham o objetivo de matar seis pessoas brancas, uma em cada dia por um mês com a finalidade de aterrorizar a nação. Diferente de outros serial killers negros, suas pretensas vítimas eram de etnia diferente da sua, tornado-os atípicos na visão dos criminólogos.

os Beane. Também existem os que são conhecidos como Barbas Azuis, como Gilles de Rais, por matarem suas esposas, e suas contrapartes do sexo oposto conhecidas como Viúvas Negras, como Nanny Doss.

E por último, há ainda os que eram policiais, como Gerard Schaefer, alguns sendo médicos, como Harold Shipman, conhecido como Doutor Morte, e enfermeiras, como Jane Toppan. Estes últimos por serem policiais, médicos ou enfermeiras tinham uma facilidade maior de se sentirem dominadores em relação às vítimas.

Portanto, pode-se ver que os *serial killers* não são somente aqueles estereótipos conhecidos no mundo e mostrados na cultura pop, em razão disso, chega a surpreender quando são descobertos.

Há muito mais por trás das mentes assassinas que os levam a matar. O próprio Robert Ressler, um dos principais nomes relacionados a perfil criminal de *serial killers*, depois de anos estudando estes indivíduos, ministrando cursos sobre o assunto, depondo em julgamentos e participando de algumas investigações, como a do caso do “Vampiro de Sacramento”¹⁰, sempre se surpreendia ao descobrir novas informações nos casos e nas entrevistas com tais indivíduos.

2.2 POR QUE ELES MATAM?

É natural que se busque uma resposta para essa pergunta, uma explicação para a origem dos assassinatos em série. Até porque é difícil compreender como seres humanos chegam a fazer tamanhas atrocidades com seu próximo.

Infelizmente não se pode identificar uma causa específica que explique o porquê da prática dos crimes com tamanho grau de violência para com as vítimas. Mas mesmo que não se possa saber as verdadeiras origens dos assassinatos em série, têm-se várias teorias que foram sendo apresentadas no decorrer dos anos que apesar de não oferecer uma explicação completa e definitiva, são possibilidades de explicação para compreensão do tema.

A seguir temos algumas delas:

2.2.1 Atavismo

¹⁰ Richard Trenton Chase - Conhecido com “Vampiro de Sacramento”, foi um *serial killer*, do tipo psicótico, que matou seis pessoas num espaço de um mês em Sacramento, Califórnia. Ficou conhecido por essa alcunha por beber o sangue e canibalizar os órgãos internos de suas vítimas.

A palavra “atavismo” refere-se a algo que é passado pelos ancestrais e que vai reaparecer na vida moderna dos indivíduos. Não há dúvidas de que haja esse algo atávico em relação a alguns *serial killers*, e isto se revela na selvageria desenfreada para com as vítimas, uma vez que relembram a selvageria de criaturas da era primitiva, época onde o canibalismo, o sacrifício humano e outras atrocidades eram comuns. Indivíduos entrevistados por Ressler, enquanto estavam presos - estas entrevistas serão abordadas no próximo capítulo - disseram que na hora que iam cometer tais atos era como se uma criatura selvagem tomasse conta de si.

2.2.2 Danos Cerebrais

Nos casos de *serial killers*, é natural avaliar se eles sofrem apenas de patologias mentais graves ou se além disso há algum problema fisiológico, ou seja, se o cérebro possui diferenças em relação a pessoas normais. Para testar essa teoria é necessário um estudo realizado a partir de dissecações *post-mortem*, como no caso do infame Fritz Haarmann¹¹ que, após sua execução em 1924, teve seu cérebro entregue para ser analisado na Universidade de Göttingen, com a finalidade de identificar defeitos neurológicos que pudessem explicar o comportamento criminoso, mas tanto nessa tentativa como em décadas depois, ninguém foi capaz de identificar algo diferente.

A partir dessas pesquisas, coincidentemente, lesões graves foram encontradas na cabeça desses assassinos, originárias, comumente, da infância, como Earle Leonard Nelson¹² e Arthur Shawcross¹³, que sofreram lesões graves nesta região, mas embora isso seja comum, outros tipos de danos também desempenham um fator central em suas condutas criminosas, que são principalmente os danos emocionais e psicológicos causados por uma infância repleta de abusos.

2.2.3 Abuso Infantil

¹¹ Fritz Haarmann - Conhecido como o “Vampiro ou Carniceiro de Hannover”, condenado e executado pelo assassinato e venda carne de vinte e quatro jovens alemãs. Sua mãe o tratava e o vestia como menina, o que causava fúria em seu pai que o golpeava na cabeça quando o via dessa forma.

¹² Earle Leonard Nelson - O infame “Gorila Assassino”, que estrangulou quase vinte vítimas na década de 1920. Ele colidiu com um bonde enquanto andava de bicicleta, caiu de cabeça nas pedras da rua e ficou em coma por quase uma semana.

¹³ Arthur Shawcross - Que assassinou brutalmente uma série de prostitutas no norte de Nova York e costumava consumir partes de seus corpos. Ele sofreu pelo menos quatro lesões graves na cabeça em sua juventude que o deixaram com cicatrizes no cérebro e um cisto no lóbulo temporal.

Se uma pessoa é severamente maltratada na infância, sofrendo abusos físicos, sexuais e psicológicos, ela vai crescer com uma visão deturpada da vida. Para essas pessoas as relações humanas vão ser baseadas em poder, sofrimento e humilhação. Como foram torturados na infância por aqueles que deveriam protegê-los, esses indivíduos vão buscar mais tarde torturar os outros, em parte por vingança aos abusos sofridos e em parte porque só conseguem sentir prazer quando infligem dor ao outro e, em casos extremos, só conseguem se sentir vivos quando estão causando a morte de alguém.

Embora frequentemente os problemas neurológicos, seja por danos cerebrais ou por defeitos hereditários, sejam um fator relevante na formação de um *serial killer*, os abusos e maus-tratos sofridos na infância são quase universais entre eles.

Em suas entrevistas com 36 destes indivíduos, Ressler constatou que metade deles apresentavam casos de doença mental na família, no núcleo familiar mais próximo, e que nessa mesma percentagem tinham seus pais envolvidos em atividades criminosas, o que ajudava no cenário de lar disfuncional e violento. E em 70% dos casos havia histórico familiar de abuso de álcool ou drogas. E todos, sem exceção, foram submetidos a violência emocional na infância, fazendo com que, segundo psicólogos, se tornassem adultos sexualmente disfuncionais e incapazes de manter quaisquer relacionamentos consensuais saudáveis com outra pessoa adulta.

Além disso, há três sinais de perigo que se mostram desde a infância até a adolescência e vida adulta, entre os quais:

- **Urinar na cama** - Não há algo muito alarmante sobre isso na infância, mas quando esta situação continua até a puberdade pode ser algum sinal de distúrbio emocional significativo e até perigoso. Segundo a Unidade de Ciência Comportamental do FBI, 60% dos assassinos sexuais passavam por isso quando adolescentes. Exemplo disso, é o *serial killer* afro-americano Alton Coleman¹⁴.
- **Atos incendiários** - Por conta do instinto destrutivo entre seus prazeres distorcidos muitos dos assassinos em série gostam de provocar incêndios, e é uma prática que muitas vezes se revela na infância, tanto que alguns dos

¹⁴Alton Coleman - Serial killer americano que junto com sua cúmplice Debra Brown matou oito pessoas entre maio e julho de 1984, numa onda de crimes em seis estados do Centro-Oeste.

mais notórios assassinos em série da modernidade foram incendiários juvenis. Exemplo claro disso é David Berkowitz¹⁵.

- **Tortura de animais** - O sadismo infantil que é dirigido às formas de vidas mais frágeis não é novidade. Sempre houve crianças adolescentes que gostam de ferir criaturas inocentes. Mas mesmo as brincadeiras de mau gosto feitas contra animais, como amarrar uma frigideira no rabo de um cachorro para ver ele correr até não aguentar mais, não se comparam as crueldades infligidas por *serial killers* em desenvolvimento contra animais. Exemplo disso é Edmund Kemper.¹⁶

2.2.4 Ódio pela mãe

Algumas mulheres ao invés de zelar e proteger seus filhos, acabam fazendo o contrário, assim dominam e os destroem submetendo-os as mais humilhantes e dolorosas situações, fazendo com que cresçam com um ódio mortal das mulheres que os criaram, como também direcionado para as mulheres em geral.

Alguns criminologistas afirmam que *serial killers* têm por vítimas mulheres motivações específicas, são motivados por um grande sentimento de ódio dirigido às suas próprias mães. O Dr. David Abraham-sen¹⁷, defende em sua obra, Mente Assassina, que os crimes cometidos por assassinos psicopatas estão enraizados na necessidade inconsciente destes indivíduos de se vingarem contra as mães que os rejeitaram e maltrataram. Um deles acabou por também se vingar da mãe, Edmund Kemper, quando a matou enquanto dormia, decepou sua cabeça e jogou sua laringe no triturador de lixo, pondo assim anos de fantasia sobre vingança em prática.

2.2.5 Pornografia

É comum a polícia encontrar nas casas de assassinos em série, quando estes são capturados, um grande estoque de pornografia sadomasoquista violenta. Isso não quer dizer que qualquer pessoa que tenha acesso a esse material seja um *serial killer* em potencial, longe

¹⁵ David Berkowitz - Conhecido como “Filho de Sam”, confessou mais de quatrocentos atos incendiários, e era tão fascinado por incêndios quando era garoto que um de seus colegas o apelidou de “Pyro”, abreviação de piromaníaco em inglês.

¹⁶ Edmund Kemper - Serial killer americano que aos dez anos enterrou o gato da família vivo no quintal de casa, depois o desenterrou, levou para seu quarto, arrancou a cabeça e amarrou num carretel.

¹⁷ David Abranham-sen - Psiquiatra forense.

disso, até porque a maioria dos consumidores de pornografia são pessoas que cumprem as leis e se utilizam disso para estimular sua libido e não a agressividade. Diferente dos *serial killers* que se utilizam desse tipo de material violento para alimentar suas fantasias, que serão reproduzidas em seus atos de crueldade para com as vítimas. O próprio Ted Bundy¹⁸ em entrevista com o psicólogo cristão James Dobson, ativista antipornografia, não nega a responsabilidade dos seus atos, mas insiste que nunca teria cometido aquelas atrocidades se não tivesse sido exposto a imagens de violência sexualizada.

2.3 OS TIPOS DE *SERIAL KILLERS*

Inicialmente, convém estabelecer a diferença entre os termos *psicopata* e *psicótico*, que é evidenciada pela cena do crime e pelo estado das vítimas. Tal distinção é importante para traçar o perfil criminal do assassino.

Em termos técnicos e objetivos, os *psicopatas* não são inimputáveis, ou seja, eles sabem a diferença entre certo e errado, são pessoas racionais e geralmente muito inteligentes, e, além disso, alguns são bem charmosos. Mas o que vai surpreender é o fato de parecerem normais, uma vez que suas personalidades são agradáveis, apesar de ser encenação, até porque são manipuladores natos. Porém, embaixo dessa máscara de sanidade, eles são profundamente perturbados e sua característica mais marcante é a total falta de empatia, isso significa que são incapazes de amar, de se importar e de sentir pena do outro que para eles são meros objetos para serem usados a seu bel-prazer.

Já em relação aos *psicóticos*, são portadores de grave transtorno mental, caracterizado por um grau de deterioração da personalidade do indivíduo. Isso significa que eles vivem num mundo de pesadelo criado por eles mesmos. Nesse sentido, sofrem alucinações, delírios, ouvem vozes, tem visões, tem crenças bizarras, ou seja, perderam o contato com a realidade e, dessa forma, correspondem à concepção geral de loucura. Sendo as principais formas de psicose a esquizofrenia e a paranoíta.

Partindo dessa diferença, como já exposto anteriormente, a motivação do crime ou a simples falta de motivação para matar é algo extremamente importante na definição de um *serial killer*, notadamente para diferenciá-lo de um assassino comum. Como bem preleciona SCHECHTER em sua obra, alguns *serial killers* vão se encaixar perfeitamente nos padrões

¹⁸ Theodore Robert Bundy - Notório serial killer americano, formado em Psicologia e em Direito, conhecido como Ted Bundy, que sequestrou, estuprou e matou mais de 30 jovens mulheres na década de 1970.

criados para defini-los, enquanto outros simplesmente fogem de todas as regras e padrões, sendo, assim, mais difícil de reconhecê-los e estudá-los. Mas vale salientar que o denominador comum entre todos os tipos é o sadismo, a desordem crônica e progressiva.

Quanto a isso, esses indivíduos são classificados da seguinte forma:

2.3.1 Visionário

É aquele visivelmente perturbado, que não consegue conviver normalmente próximo de outras pessoas, é reconhecidos perfeitamente como alguém insano. Estes indivíduos sofrem de alucinações, escutam vozes dentro de suas cabeças e estas vozes estão sempre ordenando que eles cometam atrocidades. São psicóticos e possuem alguma doença mental que irá atrapalhar e deturpar a sua visão de realidade, ou seja, são completamente loucos. Como exemplo têm-se Edmund Kemper, que assassinou dez pessoas, entre elas seus avós paternos e mãe, e foi diagnosticado com esquizofrenia paranoide.

2.3.2 Missionário

É aquele que acredita que age em nome de uma missão maior que ele e usa essa missão como motivação para matar. Geralmente foca seu ódio em um determinado grupo (homossexuais, profissionais do sexo, pessoas em situação de rua, crianças, mulheres, etc.) que, para esse tipo de assassino, são o mal do mundo, e matá-los é a forma de “purificar” o mundo desse mal. Tais ‘missionários’ podem ser movidos por questões religiosas. Exemplo desse tipo de *serial killer* é Pedro Rodrigues Filho¹⁹, o famigerado Pedrinho Matador, que diz possuir um código de honra no qual suas vítimas são quem ele considera como o que há de pior na sociedade, vendo nele mesmo uma espécie de justiceiro.

2.3.3 Emotivo

É aquele que mata simplesmente por prazer e diversão, que encontra no homicídio uma forma de divertimento, e por conta disso sempre busca meios de tornar o sofrimento da vítima o mais longo e dolorido possível. Por essa razão, é considerado o tipo mais sádico e

¹⁹ Pedro Rodrigues Filho - Serial killer brasileiro conhecido como “Pedrinho Matador”, condenado por matar 71 pessoas, mas afirma ter matado mais de 100.

que mais sente prazer em matar. Exemplo disso é o Zodíaco²⁰, que atuou durante um período de dez meses, desde o final da década de 1960, e em cartas enviadas a polícia na época, relatava que matava por simples prazer e diversão como hobby predileto.

2.3.4 Libertinos

É aquele cuja a dor e o sofrimento da vítima estão mais diretamente ligados com a sua libido perturbada, ou seja, encontram nos atos de torturar, matar e mutilar o seu prazer sexual. Vale ressaltar que os necrófilos e canibais se enquadram neste tipo de *serial killer*, e que todos os tipos sentem prazer sexual, afinal são conhecidos como assassinos sexuais. Como exemplo têm-se Dennis Andrew Nilsen²¹, que confessou ter cometido necrofilia após matar a maioria de suas vítimas, como também se alimentou de algumas partes dos cadáveres.

Os *serial killers* são também caracterizados como *organizados* e *desorganizados*. Aqueles são os que costumam ser de classe média, atraentes, muito inteligentes, controlados e educados, e que normalmente seduzem suas vítimas por meio de seu charme e jeito empático. Além disso, eles pensammeticulosamente do ataque à execução, vasculhando a cena do crime para que pouca ou nenhuma evidência seja encontrada, e como exemplo têm-se Ted Bundy.

Já os desorganizados, geralmente são impulsivos, vêm de um lar instável, onde há muita pobreza e sofreram abuso sexual ou físico de parentes, por isso, tendem a ser sexualmente inibidos e a ter distúrbios sexuais, como aversões. Normalmente são mais jovens, e com baixo grau intelectual, apatia e falta de habilidades sociais, por esta razão, costumam cometer os crimes sob influência de álcool ou drogas, deixando pistas depois de um crime. Jeffrey Dahmer é um exemplo desse tipo, uma vez que nem se lembra de como matou uma de suas vítimas.

Abaixo têm-se uma tabela trazida por CASOY (2014, p. 51), que mostra as diferenças das características dos organizados e desorganizados elencadas no método de investigação do FBI e utilizadas no momento de montagem do perfil criminal do indivíduo:

ORGANIZADOS	DESORGANIZADOS
Inteligência média para alta.	Inteligência abaixo da média.

²⁰ Zodíaco - Famoso serial killer americano que até hoje continua sendo um dos maiores mistérios da história, pois não se sabe quem ele é. Em relação a vítimas são 5 mortes confirmadas e 2 feridos; possivelmente o número de vítimas assassinadas são entre 20 e 28 mortes.

²¹ Dennis Andrew Nilsen - Serial killer britânico que matou pelo menos 15 homens em Londres entre 1978 e 1983.

Metódico e astuto.	É capturado mais rapidamente.
Não realizado profissionalmente.	Distúrbio psiquiátrico grave.
Educação esporádica	Contato com instituição de saúde mental.
Socialmente competente, mas anti-social e de personalidade psicopata	Socialmente inadequado — relaciona-se só com a família mais próxima ou nem isso.
Preferência por trabalho especializado e esporádico. Queda para profissões que o enalteçam como macho, tipo <i>barman</i> , motorista de caminhão, trabalhador em construção, policial, bombeiro ou paramédico.	Trabalhos não-especializados, que tenham pouco ou nenhum contato com o público (lavador de pratos, manutenção).
Sexualmente competente.	Sexualmente incompetente ou nunca teve experiência sexual.
Nascido em classe média-alta.	Nascido em classe baixa.
Trabalho paterno estável.	Trabalho paterno instável.
Disciplina inconsistente na infância.	Disciplina severa na infância.
Cena planejada e controlada. A cena do crime vai refletir ira controlada, na forma de cordas, correntes, mordaça ou algemas na vítima.	Cena do crime desorganizada
As torturas impostas à vítima foram exaustivamente fantasiadas.	Nenhuma ou pouca premeditação.
Temperamento controlado durante o crime.	Temperamento ansioso durante o crime.
Movimenta-se com carro em boas condições. Viaja muito.	Em geral, não tem carro, mas tem acesso a um.
Traz sua arma e instrumentos.	Utiliza arma de oportunidade, a que tem na mão.
Leva embora sua arma e instrumentos após o crime.	Frequentemente deixa a arma do crime no local.
A vítima é uma completa estranha, em geral mulher, com algum traço particular ou apenas uma vítima conveniente.	Vítima selecionada quase ao acaso.
A vítima é torturada e tem morte dolorosa e lenta.	Vítima rapidamente dominada e morta — emboscada.
	Crimes brutais, com extrema violência e <i>overkill</i> (ferimentos maiores do que os necessários para simplesmente matar).
	Rosto da vítima severamente espancado, numa tentativa de desfigurar e desumanizá-la, ou uso pela vítima de máscara/venda.
A vítima é frequentemente estuprada e dominada através de ameaças ou instrumentos.	Se a vítima foi atacada sexualmente, o ataque frequentemente foi <i>post-mortem</i> .
	Mutilações no rosto, genitais e seios são comuns.
O corpo é levado e muitas vezes esquartejado, para dificultar a identificação pela polícia.	O corpo é frequentemente deixado na cena do crime. Quando levado, é por lembrança, e não para evitar provas.
Uso de álcool pelo agressor.	Mínimo uso de álcool pelo agressor.
<i>Stress</i> precipitador de situações	Quando em <i>stress</i> , age impulsivamente.
Vive com parceiro ou é casado. Tem uma importante mulher nas suas relações.	Vive sozinho ou com os pais. Em geral, solteiro
Realiza seus crimes fora de sua área de residência ou trabalho.	Mora ou trabalha perto da cena do crime.
Segue os acontecimentos relacionados ao crime pela mídia.	Mínimo interesse nas novidades da mídia.
Em geral da mesma raça que a vítima, mas	Em geral da mesma raça que a vítima, mas

composição étnica local deve ser considerada.	composição étnica local deve ser considerada.
Provavelmente foi um aluno problema.	Saiu cedo da escola. Estudante marginal.
Provavelmente já foi preso por violência interpessoal, ataque sexual. Brigas de soco são comuns.	Já deve ter sido preso por voyeurismo, ladrão de fetiches, assalto, exibicionismo ou outros delitos menores.
Em geral, muitas multas por estacionamento proibido	
Bem apessoado.	Magro, provavelmente com acne ou outra marca física que contribua para a impressão de que é diferente da população em geral.
Tem aproximadamente a idade da vítima. A média de idade fica entre 18 e 45 anos, em geral 35.	Entre 16 e 39. Em geral, age entre 17 e 25
Pode trocar de emprego ou deixar a cidade.	Mudança de comportamento significante, como álcool ou drogas.

Quadro 2 - Características dos organizados e desorganizados para o perfil criminal

2.4 AS FASES DO *SERIAL KILLER*

Os assassinos em série passam por fases, e estas vão desde a preparação do crime até a fase posterior à consumação. Segundo o Dr. Joel Norris²², ao todo há seis fases que integram o ciclo do *serial killer*. Ressalte-se que alguns pesquisadores discordam em parte do que o Dr. Joel afirma, pois para eles nem todo *serial killer* passa por todas essas fases, podendo, assim, ocorrer a ausência de alguma delas.

As fases são:

2.4.1 Fase Áurea

É a fase em que se começa a fantasiar sobre o assassinato e a pensar em todas os efeitos sentidas durante o cometimento do crime. O tempo entre essa fase e o crime pode demorar de dias a anos, ou pode não acontecer. Nesse último caso, como o indivíduo não levou sua fantasia adiante, tudo acaba aqui.

2.4.2 Fase da Pesca

É a fase na qual se começa a pôr o planejamento em prática, e para que isso aconteça o assassino necessita da vítima perfeita. Essa é a fase da escolha da vítima.

²² Dr. Joel Norris – PhD em Psicologia e escritor.

2.4.3 Fase Galanteadora

Uma vez escolhida a vítima perfeita, o assassino aproxima-se dela, a partir daí tenta conquistá-la ou enganá-la de alguma forma para que ela faça o que ele quer e planejou. Alguns pesquisadores discordam do Dr. Joel quanto à existência necessária dessa fase, dado que alguns assassinos não a põem em prática, pois tão logo escolhem a vítima já partem para a violência, sem haver uma aproximação calma e planejada.

2.4.4 Fase da Captura

É a fase em que a vítima perfeita foi encontrada, a aproximação foi um sucesso e é nela que ocorre a sua captura. A partir disso se inicia a preparação para o “ato principal”.

2.4.5 Fase do Assassinato ou Fase Totem

É a fase do clímax. Todas as fases levaram a esta e é o momento em que os assassinos transformam sua fantasia em realidade. É aqui que o assassinato ocorre, é o auge da emoção e do prazer. É o ato da assinatura, ou seja, é momento no qual o *serial killer* pode colocar para fora todas as perturbações de sua mente.

2.4.6 Fase da Depressão

É a fase pós-assassinato, em que *ende* toda euforia por conta do crime passa e o agente volta à realidade. Muitas vezes, ela vem junto de um sentimento de desespero e culpa pelo que ocorreu, mas assim que passa o ciclo é reiniciado.

2.5 MODUS OPERANDI E ASSINATURA

O *modus operandi* é literalmente a forma de agir do criminoso, uma vez que ele é identificado e reconhecido através da análise do local do crime, da escolha e forma de abordagem às vítimas, das armas utilizadas e, finalmente, como os assassinatos são cometidos.

O *modus operandi* constitui elemento essencial para que o investigador possa traçar o perfil criminal do agente. É importante destacar que cada serial possui um *modus operandi* próprio, mesmo que em alguns casos ele seja mais arquitetado e em outros seja mais desleixado, tal conduta vai depender da natureza psicológica do agente.

A presença do mesmo *modus operandi* não pode servir de orientação absoluta às investigações, dado que o assassino pode desenvolver comportamento maleável e dinâmico, ou seja, conforme vá adquirindo mais confiança e experiência na hora do cometimento dos crimes, tende a mudar e tornar o quadro mais complexo, dificultando a análise e passando despercebidos. Isso implica no aperfeiçoamento dos planos e na forma de agir, em busca de um crime perfeito. Sobre o assunto, SCHECHTER brilhantemente afirma que:

O *modus operandi* de um *serial killer* costuma evoluir ao longo do tempo conforme ele fica mais confortável com suas matanças, tenta despistar a polícia ou simplesmente fica entediado com um tipo de homicídio e tenta variar um pouquinho. (SCHECHTER, 2016, p. 304)

Já a assinatura de um *serial killer* quase nunca muda e raramente é deixada de ser utilizada, isto só acontece se ele for impedido de usá-la por algum empecilho que é totalmente alheio a sua vontade.

A assinatura é uma espécie de ritual ou impressão digital, é a partir dela que o agente irá expressar toda a sua violência, as suas fantasias doentias, os sentimentos e ódio que carregam tão intrinsecamente. Para os *serial killers*, o ato de matar nem sempre é o suficiente, eles precisam se sentir completos e saciados, ou seja, precisam de algo que seja íntimo e particular para aquietar seu interior. Quando são impedidos de deixar a sua assinatura na cena do crime, têm o desejo de matar novamente o mais rápido possível e mais forte, e, no caso de não deixar essa assinatura a sua “obra de arte” pode ficar inacabada.

Muitas vezes os investigadores ao tentarem criar o perfil psicológico tem dificuldades em distinguir o *modus operandi* da assinatura do assassino, pois muitas vezes elas acabam se confundindo na cena do crime, uma vez que a forma de agir durante seus atos pode ser sua própria assinatura, já que esta vai ser algo que o assassino precisa realizar para satisfazer os seus impulsos mais doentios e o *modus operandi* vai mostrar os aspectos práticos da execução do crime e de como o serial pode tentar escapar impune disso.

2.6 QUEM É A VÍTIMA?

“Assassinato não é somente um crime de luxúria e violência. Mas sim possessão, as vítimas são parte de você... Você sente a última respiração deixando seus corpos... E você olha nos olhos.”

Ted Bundy

Em relação às vítimas, não existe um tipo específico, elas são escolhidas ao acaso ou por alguma característica que seja simbólica para o agente. O que as diferencia de vítimas de homicídios comuns é que a ação da vítima não precipita a ação do assassino. Os *serial killers* buscam exercer formas de poder, dominação e controle sobre suas vítimas e acabam tendo-as como um simples objeto como bem preleciona RÁMILA²³ em sua obra:

O que esses indivíduos conseguem com tirar a individualidade de uma pessoa e enquadrá-la em um grupo é desumanizá-la, vê-la como um objeto carente de sentimentos. Eles matam um reflexo, um mito, não uma pessoa em toda sua dimensão. Como bem aponta Robert Ressler, com toda sua truculência, os médicos forenses costumam se assustar com a precisão com que o assassino dissecava ou desmembrava seus cadáveres. Tanto se surpreendem que chegam a perguntar se eles cursaram Medicina ou Anatomia humana. A resposta é mais simples. Os assassinos seriais são tão bons nessas coisas porque não têm a sensação de estarem desmembrando um corpo humano. A indiferença que os domina é tanta que, nessas situações, daria o mesmo cortar um braço, um bolo ou um pedaço de pão. (RÁMILA, 2012, p.145).

Há também uma tendência que leva os assassinos a escolherem vítimas que sejam mais fracas que eles, pois, assim, não irão dificultar os seus planos. No entanto, quanto mais a vítima resistir e se opuser a ele, maior será a satisfação sexual proporcionada. Sobre o assunto, CASOY esclarece:

Existem pesquisas que revelam que o prazer sexual do criminoso tem correlação direta com a resistência da vítima, e esta aumenta o tempo da duração do crime, que varia entre 36 e 94 minutos. (CASOY, 2014, p.17)

Também é comum que eles optem por vítimas que não chamem tanta atenção pelo seu sumiço, como profissionais do sexo, pessoas em situação de rua, ou seja, pessoas colocadas à margem da sociedade (estes grupos são principalmente alvos dos *serial killers* missionários), e, dessa forma, conseguem às vezes continuar delinquendo por um longo período sem serem presos pelos seus atos.

Convém ainda destacar que os *serial killers* atacam de forma intraracial, ou seja, os negros geralmente atacam vítimas negras, e por conta disso também não são muito conhecidos já que nesses casos não se dá a importância devida pelo fato de a vítima ser negra;

²³ RÁMILA, Janire. **Predadores Humanos: o obscuro universo dos assassinos em série.** São Paulo: Madras,2012.

já os brancos atacam vítimas brancas. De igual modo sucede em relação às opções sexuais, os homossexuais atacam pessoas do mesmo sexo, os héteros atacam pessoas do sexo oposto.

Além disso, como bem coloca CASOY (2014, p.16), não existe um padrão fixo de preferência por vítimas específicas, já que o motivo do assassino, em regra, só irá fazer sentido para ele mesmo, uma vez que a vítima pode simbolizar algo que somente o estudo pregresso da mente do homicida irá revelá-lo. Como exemplos, têm-se Ted Bundy que matava brutalmente universitárias que tinham cabelos castanhos longos e partidos ao meio que eram parecidas com sua namorada rica que rompeu com ele, diferente de David Berkowitz, o “Filho de Sam”, que não era tão específico com suas vítimas, uma vez que para ser vítima potencial bastava ser mulher.

Existem também as vítimas conhecidas como “alvos de ocasião”, que diferente das vítimas que simbolizam algo, que são descritas como aquelas que são assassinadas de forma aleatória por simplesmente estar no lugar errado na hora errada. Exemplos dessas vítimas são, Bertha e Beverly Kludt²⁴, que estavam em casa quando um *serial killer* andarilho chamado Jake Bird²⁵ passou pela casas delas e viu um machado no quintal, e além delas a pequena Grace Budd, de apenas 10 anos que foi assassinada por Albert Fish²⁶, no lugar de seu irmão Edward Budd, que era a pretendida vítima de Fish, por ter aparecido e capturado a atenção do assassino.

No próximo capítulo será demonstrado como funcionam os métodos utilizados em casos envolvendo os *serial killers*, entre esses métodos está a formação do perfil criminal e em torno dele, questiona-se qual é a sua utilidade para as investigações. No mesmo capítulo, analisa-se a confissão dos assassinos e como obtê-la, além dos demais meios de provas, especialmente os previstos no Direito Processual Penal, com o fim de verificar se são efetivos e suficientes na elucidação dos casos.

3 MINDHUNTER

²⁴ Bertha e Beverly Kludt - Mãe e filha que foram massacradas em Tacoma, Washington, em 1947 por Jake Bird.

²⁵ Jake Bird - Infame serial killer americano, conhecido também como “O Assassino do Machado de Tacoma”, que foi julgado e executado pelo assassinato a machadas de Bertha e Beverly Kludt em 1947, e era suspeito de mais 45 assassinatos.

²⁶ Albert Hamilton Fish - Conhecido como “O Pior Pervertido do Mundo” e “Vampiro do Brooklyn”, foi um serial killer americano, preso com 64 anos após o assassinato de Grace Budd, que tinha como vítimas em potencial crianças e jovens rapazes. Além de suas 3 vítimas confirmadas, confessou ter assassinado mais 23 e molestado mais de 400 crianças.

O presente capítulo tem início com o uso da expressão que constitui o título do livro de Robert Kenneth Ressler²⁷ escritor, criminólogo no FBI e um dos principais agentes a participar da criação de perfis criminais de *serial killers*. Referido escritor é considerado um lendário ‘caçador de mentes’, um *Mindhunter*.

Não é fácil trabalhar em casos nos quais figuram *serial killers*, dado tratar-se de investigações complexas, que não se resumem apenas à criação do perfil criminal do indivíduo, para verificar como agem e pensam, mas há sobretudo a utilização de vários meios de prova e para isso há também o empenho na formação de forças tarefas, visando a elucidação dos mencionados crimes.

3.1 INVESTIGAÇÃO

Os homicídios praticados pelos *serial killers* possuem um roteiro específico, e isso vai da natureza de cada um deles, uma vez que não atuam da mesma forma, mas querem chegar ao mesmo fim, que é matar a vítima. Na investigação desses crimes deve-se levar em consideração o ciclo do *serial killer*, já tratado anteriormente.

Há a explicação psicológica para que o ciclo se repita: o *serial killer* precisa, ao cometer os crimes, completar seus rituais e satisfazer suas fantasias trazendo-as à realidade nos ataques às suas vítimas, que muitas vezes são a representação de quem o humilhou no passado, ou de quem foi ausente em suas vidas, ou de quem os abusava na infância. Ocorre que após matar a vítima, esse passado que está sendo vingado durante o assassinato, continua sendo o mesmo após o evento morte. E é a partir da compreensão do ciclo homicida e de que ele voltará a se repetir que a investigação criminal irá obter êxito, isso se forem aplicados os métodos necessários e adequados.

Estes métodos são:

3.1.1 Análise do crime

Robert Ressler elucida que o crime é dividido em quatro fases a serem analisadas na investigação:

²⁷ RESSLER, Robert Kenneth; SHACHTAMN, Tom. **Mindhunter Profile: Serial Killers**. Rio de Janeiro. Darkside Books. 2020.

- **Estágio pré-crime:** leva-se em consideração o “comportamento prévio” do criminoso, que muitas vezes é o último fator a ser descoberto pelos investigadores, apesar de ser o primeiro estágio em termos cronológicos;
- **Perpetração do ato criminoso:** analisa-se a seleção da vítima, além do exame dos crimes que podem trazer muito mais do que apenas o homicídio - rapto, tortura, violência sexual, canibalismo, e o assassinato;
- **A desova do corpo:** nesse momento, tem-se a preocupação do indivíduo em deixar a vítima ser encontrada ou fazer de tudo para esta não ser descoberta, e é aqui que reside a diferença entre um assassinato organizado e desorganizado, apontando para o primeiro caso a atuação dos *seriais killers*;
- **Comportamento pós-crime:** em alguns casos essa fase da investigação é a mais importante, pois certos criminosos tentam de todas as formas se infiltrar nas investigações ou procuram formas de se manter em contato com o crime para continuar a viver a fantasia por ele gerada.

Partindo da metodologia proposta por Ressler, o primeiro contato do investigador com o caso deve ser a análise da cena do crime, devendo manter-se para que não haja comprometimento das investigações *ab initio*. É aqui onde se vê a segunda e, algumas vezes, a terceira fase da investigação. Nesse local serão observados e avaliados os elementos e objetos que possibilitam a reconstrução da sequência dos atos do assassino, assim como as evidências que irão identificar a vítima e o agente. É aqui que o investigador deve sempre buscar pensar como o assassino para entender como e por que o evento ocorreu. É por conta disso que a preservação da cena do crime é de suma importância, pois qualquer alteração do estado das coisas pode interferir negativamente na elucidação dos fatos.

Por óbvio que a consequência da não preservação da cena do crime é a contaminação dos elementos que poderiam validamente ajudar na elucidação do caso. A subtração ou modificação de objetos e corpos da cena de crime irão interferir diretamente na análise do que ocorreu ou na coleta de evidências. Isso faz também com que uma perícia seja insuficiente ou até mesmo induzida a erro se a alteração do ambiente e estado das coisas for permitida, de forma que o estabelecimento de conexões entre crimes, a identificação das testemunhas e dos suspeitos e a verificação do *modus operandi* estaria prejudicado. É importante ter ciência de que um local contaminado poderá levar uma pessoa inocente à condenação ou a absolvição de um autor de crime por falta de provas ou interpretação errônea das provas.

Ressler em sua obra, também deixa claro que na investigação de tais casos é mais proveitoso que seja vista a cena do crime ao vivo, pois é nela onde se encontram detalhes que por várias vezes passam despercebidos e não são vistos nas fotografias do local do crime ou do local onde foi encontrado o corpo da vítima, uma vez que estes podem ser diferentes.

Tendo em vista a importância do local do crime, três principais observações devem ser extraídas nessa fase da investigação, que são: a organização do crime, o *modus operandi* e a assinatura.

A organização do *serial killer* é justamente o que vai trazer à tona a sua personalidade, então ao se trabalhar com a cena do crime é possível traçar que tipo de pessoa está envolvida naquele evento. A organização é verificada quando o assassino tenta dificultar a investigação ao ocultar o cadáver e objetos que estejam relacionados ao ato, no entanto, o assassino desorganizado não demonstra nenhum tipo de cuidado. Deve-se ter ciência de que assassinos psicopatas tendem a se encaixar nos organizados, já os psicóticos se encaixam nos desorganizados.

Um *serial killer* organizado tem em suas características o atributo do planejamento, nesse sentido, por exemplo, pode tentar esconder o corpo da vítima, limpar a cena do crime, seguir as notícias relacionadas aos crimes cometidos por ele, demonstrar sempre controle durante a execução do crime, utiliza suas próprias armas e materiais, tem como alvos pessoas desconhecidas e consegue estabelecer relações sociais aparentes e sabe ser simpático. Já os desorganizados são socialmente imaturos, geralmente não trabalham, são descuidados com suas atitudes e aparência, utilizam diversas vezes como arma objetos da própria vítima, não se preocupam com os vestígios deixados por eles e matam pessoas conhecidas. Mas, também deve ser observado que nem sempre essa distinção vai ser absoluta, como demonstrado por Rámila:

Novamente devemos relativizar essa visão e tomá-la como apontamento em outras ocasiões, em termos estatísticos, porque nem todos os assassinos organizados são encantadores, nem todos os assassinos desorganizados carecem de carteira de habilitação. Sempre existem exceções. Por isso alguns preferem falar de assassinos predominantemente organizados e de assassinos predominantemente desorganizados. (RÁMILA, 2012, p.61).

Em relação ao *modus operandi*, é necessário examinar se há algum tipo de arma no local ou identificar qual foi utilizada no crime, o local selecionado pelo agente e outros elementos que possam identificar seu modo de agir. Esse nada mais é do que o padrão utilizado pelo assassino ao cometer seus crimes. É a escolha do método que será utilizado na prática do crime: é como ele escolhe a vítima, a sequestra, a subjuga, tortura, mata e esconde

o corpo. Quando há um certo padrão, há a possibilidade de identificar o assassino e inclusive relacionar o mesmo com outros investigados anteriormente. No entanto, é necessário prudência na compreensão desse elemento, já que, como foi explicitado anteriormente, o assassino com o tempo pode refinar seus métodos por ter ganho confiança e experiência ou por querer mudá-lo para sentir mais emoção.

Por último tem a assinatura, que se refere a uma característica única do assassino que irá revelar alguma particularidade psicológica. É muito fácil se pensar que assim como em filmes, séries e livros o *serial killer* sempre deixa uma marca nos crimes, seja um objeto ou escrevendo algo no corpo da vítima. O que realmente ocorre é que a minoria desses indivíduos realiza tais atos ostensivos, em busca da satisfação através de todo alarde que causam, bem como a provocação da polícia. Já a maioria dos assassinos prefere cometer seus crimes sem ninguém os incomodando, e é nestes casos que a assinatura constitui-se no tipo de violência exercida, ao mesmo tempo como ato de profanação da vítima. Assim, a forma como o assassino dispõe do corpo da vítima, geralmente em situação chocante, pode ser considerada a assinatura, bem como a utilização de palavras ou roteiro verbal na cena do crime, específicos tipos de tortura ou mutilação da vítima. Em síntese, a assinatura é o ritual que expressa o psicológico do assassino e não os aspectos físicos da vítima.

3.1.2 O perfil criminal e a psicologia investigativa

Por serem indivíduos com distúrbios mentais, ora se apresentando como psicopatas, ora como psicóticos, nada mais natural que se conclua que uma análise psicológica seja de grande utilidade para a investigação criminal. Porém, cada cabeça de *serial killer* é um mundo diferente e é um grande desafio para o profissional identificar com precisão quem é o agente. Por isso, cabe ao *profiler* (perfilador criminal), através da análise das informações colhidas na cena do crime, vítima, laudos periciais, resultado da autópsia, e com base na composição de todos os dados do local do crime buscar auxiliar na captura do indivíduo.

Contra a crença comum, os perfiladores não costumam ir às cenas dos crimes, não ao menos num primeiro momento. Trabalham em seus escritórios, nos quais chegam todos os documentos solicitados. No caso americano é o FBI que forma esses especialistas. Em sua base em Quantico lhe é ensinado a despertar o seu lado crítico e racional, as bases dessa metodologia. O agente deve aprender a extrair todos os dados possíveis da cena do crime e do cadáver por meio da observação e dedução. (RÁMILA, 2012, p.194).

Nesse ínterim, um trabalho bem executado pelo *profiler* pode elucidar informações importantes no tocante à investigação, como sexo, idade, passado, fantasias e desejos do

agente. No entanto, existem críticas sobre a eficácia desse método, uma vez que uma conclusão errada pelo perfilador pode direcionar de forma equivocada e atrapalhar totalmente a investigação. Por outro lado, deve-se ter em mente que traçar um perfil criminal irá reduzir o leque de suspeitos e com isso a investigação irá assumir uma determinada linha.

Ressler diz que quando chegou à Unidade de Ciências Comportamentais, em 1974, foi aprender a elaborar perfis psicológicos de criminosos com Pat Mullany²⁸ e Howard Teten²⁹, que tiveram seu treinamento feito pelo psiquiatra James A. Brussel³⁰, cujo método consistia em elaborar o perfil psicológico de um agente desconhecido a partir da análise da cena do crime, inferindo por meio dessa cena as características comportamentais do criminoso.

Ocorre que na década de 1960, antes de Ressler começar a aprender como elaborar os perfis, estes tinham caído em descrédito quando um comitê de psiquiatras e psicólogos chegou a conclusão errada a respeito da identidade do Estrangulador de Boston. Até meados da década de 1980, a elaboração de perfis psicológicos de criminosos era tida como uma arte, que necessitava ser aprendida durante anos e anos de trabalho, e não como algo científico. Isso significa que mesmo no FBI, numa época em que 25% dos casos eram de assassinatos de estranhos onde o perpetrador não conhecia a vítima, essa atividade não era incorporada à burocracia, ou seja, era o esforço de poucas pessoas que seria utilizado em alguns casos nos quais a força policial procurava por ajuda por considerar que era um caso acima de sua capacidade ou algum policial entendia que precisava de ajuda.

Com o tempo e com mais investigações exitosas, na identificação dos culpados, em razão do auxílio do perfil psicológico do agente, mais forças policiais acabaram por pedir a assistência do FBI, e buscaram capacitação em relação ao assunto mediante a realização de cursos ministrados por John Douglas e pelo próprio Ressler. Apesar disso, o perfil criminal ainda era algo duvidoso para algumas pessoas, que somente ficavam convencidas de sua utilidade vendo na prática investigativa.

Diante da solução dos casos, vale reafirmar que sim, o perfil criminal é útil nas investigações porque, inicialmente, é a partir dele que a lista de suspeitos vai diminuir, e, com isso, a investigação vai assumir determinada linha a ser seguida. Porém, o perfil criminal não

²⁸ Patrick Joseph Mullany - Agente especial e instrutor da academia do FBI. Conhecido por ser pioneiro na criação de perfis de criminosos no FBI nas décadas de 1970 e 1980 com seu parceiro Howard Teten.

²⁹ Howard Teten - Agente especial e instrutor da academia do FBI. Conhecido por ser pioneiro na criação de perfis de criminosos no FBI nas décadas de 1970 e 1980 com seu parceiro Pat Mullany.

³⁰ James A. Brussel - Primeiro psiquiatra a aplicar seus conhecimentos médicos em assuntos investigativos, onde seu método consistia na elaboração do perfil psicológico de um agente desconhecido a partir da análise da cena do crime, inferindo por meio dessa cena as características comportamentais do criminoso.

é algo absoluto, uma vez que quanto mais informações forem obtidas na investigação, mais o perfil vai sendo refinado, pois, como visto anteriormente, a cada crime os assassinos vão aperfeiçoando seu *modus operandi* por ter adquirido mais confiança na atividade delitiva. Mas é importante sublinhar que apesar de útil, a elaboração do perfil pode atrapalhar as investigações se for feita de forma equivocada pelo *profiler*, daí a importância dos cursos e dos treinamentos feitos pelos agentes.

Além disso, somente o perfil criminal não é suficiente para elucidação de tais casos, é necessário todo um conjunto de fatores para que se ache o culpado. Sob essa perspectiva, é importante destacar a força tarefa policial, os meios de prova colhidos na cena do crime, os depoimentos de testemunhas quando houverem, e etc.

Com o avanço da tecnologia e das ciências forenses influenciando diretamente na forma de perfilar os criminosos, foram surgindo novas formas de se traçar esse perfil. Um deles foi criado pelo professor de psicologia da Universidade de Liverpool, David Canter que criou o programa de informática *Dragnet* onde são inseridas as localizações de todos os crimes cometidos pelo suspeito, e a partir disso o programa processa um mapa com um desenho de um círculo, onde o seu diâmetro são os locais mais distantes entre os locais dos crimes praticados. Isso significa que o assassino se encontrará muito próximo do centro dessa circunferência, por conta disso é conhecido como “hipótese do círculo” e é um método estatístico que dá importância a hora e ao local onde o crime é cometido.

Os serial killers têm menos probabilidade de matar ou estuprar em locais não familiares, uma vez que são crimes de controle e eles não se sentirão tão seguros em um ambiente estranho. Além disso, se os crimes estão localizados em certa disposição geográfica, há grandes chances de o criminoso viver ou trabalhar nessa área. Pode também indicar o horário de trabalho dele, uma vez que o ataque à vítima se dá em sua hora de lazer ou em local legitimado pelo seu trabalho (CASOY, 2014, p. 55).

Há estudiosos que buscam traçar o perfil criminal sem se basear em estatísticas, como no caso do cientista forense Brent Turvey, que toma como base a análise comportamental de provas denominada BEA³¹. O método visa reconstituir o crime, e com base neste interpreta o comportamento do criminoso, é dividido em quatro passos:

- a) Análise forense questionável:** momento em que uma evidência pode trazer vários significados e por isso todos devem ser levados em consideração;
- b) Vitimologia:** toma em consideração o estudo da vítima, ou seja, busca entender qual motivo levou o assassino a escolher aquela pessoa;

³¹ BEA - Behavioural Evidence Analysis (Análise de Evidências Comportamentais)

c) Cena do crime: refere-se à análise do local onde ocorreu o evento, sua proximidade com outros pontos de interesse, como outros delitos, residência e local de trabalho da vítima;

d) Características do transgressor: ocorre na fase final do método, com criação do perfil do criminoso tendo como base a sua complexão física, sexo, hábitos, histórico criminal, provável moradia, estado civil e etnia.

O perfil montado com o método BEA é útil em duas fases distintas:

Na primeira fase investigativa, temos um agressor desconhecido de um crime conhecido: reduz o número de suspeitos; ajuda na ligação desse crime com outros que tenham o mesmo padrão, na avaliação do comportamento criminal para uma escada de violência; provê investigadores com estratégias adequadas; dá uma trilha de movimentos a serem seguidos na investigação. Na fase de julgamento, já sabendo quem é o agressor de um crime conhecido, o perfil BEA ajuda a determinar o valor de cada evidência para um caso particular; auxilia no desenvolvimento de uma estratégia de entrevista ou interrogatório, de um insight dentro da mente do assassino, compreendendo suas fantasias e motivos; relaciona a cena do crime com o modus operandi e a assinatura comportamental. (CASOY, 2014, p. 58).

Portanto, pode-se perceber que a perspicaz coleta de informações, a organização e o cruzamento destas em um sistema de dados tem um valor importante na elucidação dos casos. Como exemplo, desde 1985 o FBI possui um programa de computador, criado por Pierce Brooks³² e Robert Ressler, chamado de VICAP³³ dentro do NCAVC³⁴, que funciona como um banco de dados criminal dos crimes violentos ocorridos naquele país, e é onde se organizam e analisam-se informações sobre casos não solucionados de homicídios em série em todo os Estados Unidos.

3.1.3 O uso das redes sociais

Todo ser humano tem a necessidade de ter uma interação social, e embora o *serial killer* seja frequentemente associado a distúrbios mentais que prejudicam sua sociabilidade, eles também interagem nas redes sociais. A internet acabou por criar um canal que facilita as relações entre as pessoas, por propiciar o encontro de indivíduos com pensamentos semelhantes e que tenham interesse em trocar informações sem se expor e nem se identificar plenamente.

³² Pierce R. Brooks - Ex-detetive do Departamento de Polícia de Los Angeles e um dos criadores do VICAP.

³³ VICAP - Violent Criminal Apprehension Program (Programa de Análise Investigativa Criminal).

³⁴ NCAVC - National Center for the Analysis of Violent Crime (Centro Nacional para a Análise de Crimes Violentos).

Rapidamente os investigadores perceberam que as redes sociais também passaram a ser utilizadas para finalidades escusas, ou seja, o cometimento de, como também a utilizam para se vangloriarem das atrocidades que cometem.

A partir disso, veio a necessidade de investir no treinamento de policiais, para que estes tenham habilidades técnicas para se infiltrar nos ambientes mais obscuros da internet, como as denominadas *deep web*, *darknet* e *dark internet*, que são áreas da internet que não são acessadas por meios convencionais e que não são alcançadas pelos sites de busca tradicionais, ou seja, um campo muito fértil para atuação criminosa.

Fotos, vídeos e comentários de quaisquer suspeitos, são fontes inesgotáveis para os investigadores colherem elementos necessários para traçar um perfil criminal ou para obter alguma prova conclusiva. Portanto, o investimento em programas que transmitam alertas em razão do uso de determinadas palavras, postagens de fotos específicas, certamente vão trazer novas formas de prevenção e solução de crimes. Somando a isso, temos a própria colaboração dos usuários das mídias sociais, pois é comum que pessoas saibam de alguma informação sobre os fatos compartilhados ou até mesmo também solicitarem a colaboração de alguém que possa dar alguma pista sobre o ocorrido.

O delegado Rafael Pereira Gabardo Guimarães³⁵ sobre o uso das redes sociais nas investigações demonstra em seu artigo que:

Policiais do mundo inteiro começaram a usar sites como o Facebook para ajudar as vítimas a identificar criminosos e suspeitos... como uma ficha policial virtual. Alguns policiais adotam uma abordagem polêmica para conduzir investigações. Cram um perfil falso e se infiltram no site para se aproximar sigilosamente dos suspeitos e adicioná-los como amigos. Um estudo revelou que 10% dos perfis do Facebook são falsos. Embora tais perfis violem os termos de uso das redes sociais, não podem ser considerados totalmente ilegais. Provas coletadas desta forma por policiais ou outros agentes da lei podem ser apresentadas em um tribunal [...] Em casos emergenciais, quando há risco palpável de violência, as autoridades não pensarão duas vezes se devem ou não obter acesso imediato às informações de um suspeito numa rede social: farão uma solicitação de emergência [...] Recentemente, nos EUA, foi feito um levantamento com 1.200 funcionários de órgãos de segurança de nível municipal, estadual e federal que haviam utilizado plataformas midiáticas para solucionar crimes. Durante o estudo, quatro a cada cinco funcionários confirmaram o uso de rede sociais para coletar informações durante a investigação. A maior parte deles admitiu que as redes sociais os ajudava a solucionar crimes muito mais rápido do que antes. (GUIMARÃES, 2020, p. 21, *apud* PARKER; SLATE, 2015, p. 244-245)

Em síntese, as autoridades policiais podem e devem se infiltrar nas comunidades e fóruns que tenham como fim a divulgação de crimes, trocas de informação entre criminosos, bem como pesquisar informações de perfis suspeitos. Essa é uma área investigativa que

³⁵ GUIMARÃES, Rafael Pereira Gabardo. **O perfil dos assassinos em série e a investigação criminal.**

merece especial atenção e dedicação e que podem suficientemente apontar a autoria e materialidade de crimes difíceis de serem elucidados, como os cometidos pelos *serial killers*.

3.1.4 A confissão do assassino

“Não, eu não tive nenhuma misericórdia por nenhuma delas...também não sinto nenhum remorso...eu sei, fiz muita coisa errada, mas ainda assim eu sou humano. Cortei a cabeça de uma delas com uma serra e a levei para meu apartamento, sei...mas há muito mais em mim do que esse cara que andou fazendo loucuras por aí.

Se me deixarem viver pelo menos mais alguns anos. Não estou pedindo misericórdia nem perdão. Só peço mais um tempo. Em troca posso ajudar a solucionar muitos crimes, posso ser muito útil.”

Ted Bundy

A confissão é fundamental para a elucidação dos crimes praticados por *serial killers*. Ocorre que obter uma confissão não é uma tarefa fácil, já que normalmente um criminoso, principalmente os psicopatas não têm a mínima intenção de serem descobertos e prezam por sua liberdade, então evitam assumir a autoria para evitar as consequências de seus atos. Por conta disso, os investigadores devem saber com quem estão lidando, e é importante nesses casos que eles saibam os detalhes do crime, a possível história por trás dele e a constituição psicológica do suspeito, já que o *serial killer* é um criminoso que caminha assombrado por um turbulento passado que afeta o seu psicológico. E seguindo a lógica, a pressão psicológica pode funcionar como elemento propulsor para que ele confesse os seus crimes.

Paul Roland³⁶, em sua obra, descreve um roteiro a ser seguido, segundo o qual não se deve acusar o suspeito logo na primeira entrevista policial. O ponto principal nesse roteiro é que a cada entrevista vai sendo modificada a forma de abordar o criminoso, o expondo a condições desconfortáveis psicologicamente, até que ele por conta própria acabe confessando os crimes que cometeu. E há inclusive nesse roteiro a criação de um cenário teatral para obter a confissão do indivíduo:

O cenário também pode ser colocado de forma tão dramática como se fosse um palco, com luz baixa e pilhas de arquivos sobre a mesa à qual ele estará sentado, todos etiquetados com seu nome. Mesmo que estejam vazios, darão a impressão de que há uma enorme quantidade de evidência contra ele. E para um toque final melodramático, a arma ou qualquer outro objeto significativo do caso deve ser colocado ao lado, de modo que ele tenha de virar a cabeça para olhá-lo. Se ele fizer isso, é sinal de que reconhece o objeto e que está ciente de que os detetives também conhecem o seu significado, embora não o tenham apontado ou feito qualquer referência à arma ou objeto (ROLAND, 2014, p. 140).

³⁶ ROLAND, Paul. **Por dentro das mentes assassinas: a história dos perfis criminosos.** São Paulo: Madras, 2014.

Muitos investigadores, por outro lado, utilizam a técnica denominada “penetrando no labirinto”, de acordo com a qual se busca ganhar aos poucos a confiança e respeito do suspeito através de confidências, ou seja, ele precisa demonstrar e convencer que entende o motivo do assassinato ter ocorrido e que está lá para ajudar o criminoso. Ele não pode demonstrar ter repulsa e nem que condena os atos ao ouvir as confissões, que geralmente são feitas em camadas e em pequenas etapas, pois caso contrário o laço psicológico de confiança será desfeito e a confissão prejudicada. É como se fosse uma conversa informal entre amigos de longa data. Muitas vezes o indivíduo só quer ouvir do investigador que ele sabe que tem problemas e a origem deles. Por conta disso é que se recomenda perguntas sobre fatos da infância e adolescência, pois são nessas épocas que geralmente ocorrem os eventos que dão origem ao comportamento homicida.

Em síntese, como o comportamento do *serial killer* possui um fundo psicológico, nada mais adequado que o próprio uso da psicologia como uma das formas de se obter a confissão.

3.2 ENTREVISTAS COM SERIAL KILLERS

“Quem combate monstruosidades deve cuidar para que não se torne um monstro. E se você olhar longamente para um abismo, o abismo também olha para dentro de você.”

Friedrich Nietzsche

Robert Ressler quando já trabalhava no FBI, em meados da década de 1970, começou a dar aulas na Academia em Quantico sobre temas que iam de comportamentos anormais a técnicas de interrogatório. Segundo ele, além do ambiente acadêmico ser atraente, outro fator que lhe chamava atenção era a até então embrionária Unidade de Ciências Comportamentais, onde até aquele momento, os principais expoentes eram Pat Mullany e Howard Teten, citados anteriormente, que o ensinaram a fazer perfis psicológicos dos criminosos. Isso lhe despertou uma enorme curiosidade, principalmente quando chegou à conclusão de que o FBI não demonstrava muito interesse por assassinos, estupradores, molestadores de crianças e outros perpetradores de crimes contra a pessoa, até porque esses casos de criminosos violentos na época eram restritos à jurisdição das polícias locais e não do FBI, por não constituírem violações da legislação federal.

Ele queria entender melhor a mente desses criminosos violentos tanto para sanar sua curiosidade, como também para ser um professor melhor, e auxiliar em casos futuros ou

em andamento. Como ele participava de várias conferências com pessoas relacionadas a psicologia comportamental, sua curiosidade aumentava e ele via cada vez mais a necessidade de se aprofundar nisso quando escutava ou assistia entrevistas que eram realizadas com tais criminosos. Nessas entrevistas ele notava que não eram feitas de forma adequada, uma vez que era nítida a falta de experiência do entrevistador com criminosos, e observou que este não fizera um trabalho na perspectiva de um agente aplicador da lei, isto sendo um pré-requisito necessário para seus alunos.

Isso o fez ter noção de que como na Academia eles davam aulas de criminologia aos policiais em treinamento, era de suma importância que houvesse o estudo das mentes criminosas, mas por outro lado a maioria de seus colegas e superiores não achavam um tema relevante. Ocorre que, com o conhecimento de pessoas que ele tinha em departamentos de polícia, com pessoas relacionadas a psicologia comportamental, Ressler começou a receber dessas pessoas pilhas de material relacionados aos criminosos violentos e começou a estudar mais sobre o assunto, e essa colaboração mostrou para ele que havia uma grande necessidade de gerar mais informações e compreensão acerca do tema.

A partir desses estudos, Ressler percebeu o potencial de uma pesquisa em maior profundidade para o entendimento desses indivíduos, e teve a ideia de começar a entrevistar aqueles que tanto lhe despertavam curiosidade e eram temas nas suas aulas. Ele conversou a respeito disso com John Minderman e decidiram tentar colocar essa ideia em prática. A finalidade das entrevistas era colher mais informações de como os fatores ambiente, infância e histórico prévio dos assassinos contribuíram para as atividades criminosas, além de obter mais detalhes de como ocorreu o crime.

Como Ressler já conhecia a burocracia do FBI e tinha em mente que se um projeto fosse negado no início, sem sair do papel, não voltaria a existir, até porque a maioria das pessoas não considerava aquilo relevante, ele considerou que seria melhor conduzir seu projeto sem comunicar nada aos seus superiores. Assim, pediu ao agente John Conway, que frequentava suas aulas, para conseguir a localização de determinados criminosos nos presídios estaduais. No momento em que se dirigia aos referidos presídios para ministrar as aulas, de posse das informações necessárias, ingressava nas celas e realizava as entrevistas. Ademais, como era do FBI, poderia entrar em qualquer cadeia do país apenas mostrando seu distintivo.

Foram alguns anos até o projeto realmente ser aceito e colocado em prática, estando dentro das regras do FBI. Em 1978 ele foi negado e tido como uma ideia ridícula por John McDermott, do alto comando do FBI, mas quando o novo diretor assumiu e viu o

projeto deu o sinal verde para continuar, desde que fossem seguidos à risca o que estava contido no CPRP³⁷.

As entrevistas deviam ser conduzidas por uma dupla de agentes – sendo esta uma das principais regras do projeto, Ressler passou por um episódio com Edmund Kemper que o fez enxergar, após um susto, a importância de se estar em dupla - deveria ser conquistada a confiança dos assassinos para que eles falassem; os agentes deveriam ter conhecimento prévio do caso para saber como conduzir a entrevista, já que quando fossem mencionando detalhes conhecidos dos crimes o indivíduo se sentiria mais à vontade para falar, por ver que já era conhecido pelo agente de alguma forma; não deviam criar um ambiente desconfortável para os mesmos; durante a condução da entrevista os agentes não deveriam transparecer suas emoções relacionadas ao caso - por exemplo, um pai que entrevistou um desses assassinos que atacou crianças, não se absteve em relação as palavras e emoções e isso acabou comprometendo as entrevistas - não poderia ser falado nelas sobre crimes que ainda estavam sendo investigados, ou seja, só de crimes já julgados que os indivíduos estavam cumprindo pena, pois se houvessem informações novas eles teriam que abrir uma nova investigação sobre o caso, e não era essa a finalidade das entrevistas.

Ressler fala sobre a importância de manter uma relação respeitosa no momento das entrevistas, e explica:

Eles podem até ser loucos, mas não são burros, e são capazes de compreender as dinâmicas do comportamento interpessoal. A maior parte dos interrogadores fazem perguntas difíceis cedo demais. Nesse momento, as defesas mentais são erguidas, e na prática a entrevista está encerrada. Prisioneiros tem tempo de sobra e caso não se sintam confortáveis nada de bom será extraído da conversa; portanto, é fundamental passar um tempo com eles, para que se sintam estimulados a revelar detalhes íntimos de suas vidas. Costumo ir devagar, rondando, sondando de leve, e me aproximando pouco a pouco até sentir que chegou o momento certo para as questões mais difíceis; às vezes isso exige várias horas, ou muitas visitas. (RESSLER, 2020, p. 95)

Ressler diz ainda que entrevistou pessoalmente mais de uma centena de criminosos violentos, dentre eles, trinta e seis *serial killers* como Edmund Kemper e John Wayne Gacy³⁸. A questão principal referente às entrevistas desenvolvidas no projeto consistiu na garantia de que este procedimento fizesse parte do programa do FBI e do Departamento de Justiça, além disso, as informações colhidas ali auxiliaram nas investigações futuras de casos semelhantes. Enquanto Ressler os entrevistava, também treinava outros agentes para continuar o trabalho, para que as informações obtidas pudessem contribuir significativamente

³⁷ CPRP - Criminal Personalities Research Project (Projeto de Pesquisa de Personalidades Criminosas)

³⁸ John Wayne Gacy - Serial killer americano, conhecido como o "Palhaço Assassino". Foi acusado de torturar, estuprar e matar ao menos 33 adolescentes entre 1972 e 1978 no condado de Cook, no estado de Illinois, na região metropolitana de Chicago.

na compreensão dos muitos padrões homicidas e na captura das pessoas cujas mentes manifestavam esses comportamentos.

Vale salientar ainda que, apesar de ser um projeto importante e que trouxe aspectos positivos através do conhecimento adquirido nas entrevistas que são usados em investigações posteriormente, ainda assim foi um campo muito perigoso. Muitas pessoas queriam participar do CPRP, mas a maioria não estava disposta a mergulhar de fato no projeto, queriam mais por poder entrevistar assassinos famosos e não para agregar fatores úteis. Quem realmente se dedicava ao projeto sofria muito de estresse situacional, havia pessoas que chegavam ao ponto de pedir transferência porque não conseguiam mais prosseguir com as entrevistas, alguns sofreram perdas severas de peso - Robert Ressler foi um deles - alguns sofreram de Síndrome de Estocolmo e se deixaram manipular pelos indivíduos entregando informações do FBI para eles. Então, isso demonstra que os agentes que trabalhavam diretamente no projeto tinham que ser extremamente cuidadosos com sua própria saúde física e mental.

3.3 EFETIVIDADE DOS MEIOS PROBATÓRIOS DO PROCESSO PENAL EM CASOS DE *SERIAL KILLERS*

Como demonstrado anteriormente e falado repetidamente por Robert Ressler, apenas a criação do perfil criminal dos *serial killers* não é suficiente para prender o culpado. É útil para nortear a investigação, diminuir o leque de suspeitos, mas não suficiente e absoluto. Sabe-se que para a investigação funcionar, deve-se ter uma força tarefa policial, haver a coleta de provas do local do crime ou de desova do corpo, haver as perícias e autópsias, haver interrogatório de testemunhas, a confissão do assassino, o exame de corpo de delito nas vítimas que conseguem escapar, e etc. Isso significa, que é necessário um conjunto completo para que a investigação frutifique, o indivíduo seja preso, julgado e cumpra sua pena.

Fazendo uma relação de tudo quanto foi escrito até o presente momento, à luz, sobretudo, da literatura estrangeira baseada em casos americanos, com o processo penal brasileiro, convém esclarecer que nem tudo se aplica aos casos de assassinatos em série cometidos no Brasil.

Especificamente em matéria probatória, vale destacar que o denominado perfil criminal não está contido no rol de provas relacionadas no CPP³⁹ que, embora não seja taxativo, não integra a cultura investigativa ou probatória nacional.

³⁹ CPP - Código de Processo Penal

Provas, para o processo penal brasileiro, na lição de LOPES JÚNIOR⁴⁰ significa:

As provas são signos do fato que se quer conhecer, isto é, uma relação semiótica configurável de diversos modos, em que da correspondente análise surge a mais útil das possíveis classificações. (LOPES JÚNIOR, 2021, p. 153)

Como se pode inferir, o perfil criminal não é uma prova, é um instrumento utilizado para nortear as investigações a partir da compreensão da mente do assassino. Outros elementos são importantes na preparação do perfil criminal referentes à forma como se encontram a cena do crime e a vítima. Pelas razões apontadas o perfil criminal não está contido no rol de provas e nem pode ser considerado como uma prova inominada.

Segundo LOPES JÚNIOR:

As provas são os materiais que permitem a reconstrução histórica e sobre os quais recai a tarefa de verificação das hipóteses, com a finalidade de convencer o juiz (função persuasiva). (LOPES JÚNIOR, 2021, p.153)

Isso deixa claro que sem as provas não há como dar continuidade ao processo, existindo perfil criminal ou não. Tanto que uma pessoa só vai ser indiciada e levada a julgamento se houverem provas contra ela. Além disso, as provas coletadas durante a investigação serão levadas ao crivo da ampla defesa e contraditório durante a fase processual. E o CPP demonstra isso de forma cristalina:

Art. 155. O juiz formará sua convicção pela livre apreciação da prova produzida em contraditório judicial, não podendo fundamentar sua decisão exclusivamente nos elementos informativos colhidos na investigação, ressalvadas as provas cautelares, não repetíveis e antecipadas.

Então, segundo o dispositivo supracitado, mesmo os elementos de prova coletados durante as investigações não podem fundamentar exclusivamente a decisão do juiz, ou seja, na fase processual deverão passar pelo crivo da ampla defesa e do contraditório respeitando o princípio da presunção da inocência, expresso no art. 5º, LVII da CFRB/88⁴¹:

LVII - ninguém será considerado culpado até o trânsito em julgado de sentença penal condenatória;

Apesar de se ter a noção de que as provas são imprescindíveis e necessárias tanto para a elucidação dos crimes como para a materialização do processo, nos casos em que figuram *serial killers* é mais difícil que algumas provas em espécie sejam coletadas e utilizadas. Consoante a legislação brasileira, as provas em espécie são:

- **Prova Pericial e Exame de Corpo de Delito;**
- **Interrogatório;**
- **Confissão;**

⁴⁰ LOPES JÚNIOR, Aury Celso Lima. **Direito processual penal**. 18º Ed. Rio de Janeiro, Saraiva, 2021.

⁴¹ CFRB - Constituição da República Federativa do Brasil

- **Perguntas ao Ofendido;**
- **Prova Testemunhal;**
- **Reconhecimento de Pessoas e Coisas;**
- **Reconstituição do Delito;**
- **Acareação;**
- **Prova Documental;**
- **Indícios;**
- **Busca e Apreensão**

Dessas provas em espécie elencadas no CPP, boa parte não tem como ser coletada em casos de *serial killers*. Seja por não acharem vestígios do corpo da vítima, ou por não acharem as armas utilizadas no crime, ou por não haver um sobrevivente para depor, por não ter como colocar o acusado frente a frente com testemunhas ou vítimas, por não haver testemunhas, por não haver vestígios ou algo que incrimine o acusado, por não haver documentos que o incriminem, e etc.

Portanto, em casos que figuram *serial killers* é muito difícil ou quase nula a possibilidade de *reconhecimento de pessoas e coisas*, *acareação*, *perguntas ao ofendido*, , *confissão*, *prova testemunhal*, *reconstituição do delito*, e até mesmo o próprio interrogatório do acusado por ele demorar a ser encontrado, como ocorreu com o Assassino de Green River⁴², ou não ser encontrado, como o Zodíaco.

Ademais, como são astutos e manipuladores, alguns *serial killers* acabam por se aproveitar da necessidade de produção de provas para se beneficiar de alguma forma. No sistema americano, o benefício pode consistir na troca da confissão de alguns crimes por algum acordo, como o Assassino de Green River que confessou seus crimes perante um tribunal de Seattle como parte de um acordo para livrá-lo da pena de morte; ou o benefício seja reviver as suas fantasias revisitando o local do crime no momento da reconstituição do delito ou para mostrar onde desovou o corpo de alguma de suas vítimas.

Na sistemática processual penal brasileira, resta o *exame de corpo de delito*, cuja realização se dá quando, nos casos de homicídio, os corpos são encontrados e necropsiados.

⁴² Gary Leon Ridgway – Serial Killer americano conhecido como O Assassino de Green River, que assassinou mais de 70 mulheres entre as décadas de 1980 e 1990. É conhecido como o segundo serial killer mais prolífico da história dos EUA em termos de mortes confirmadas, imediatamente atrás de Samuel Little que estuprou e assassinou pelo menos 90 mulheres entre 1970 e 2005. Além disso, é conhecido também por ser preso quase vinte anos após cometer os assassinatos, sendo indiciado em 2001 e seu julgamento encerrado em 2003.

Essa é a prova que pode identificar as vítimas, a *causa mortis* e até mesmo a identidade do autor dos assassinatos.

Para a solução dos assassinatos em série, é necessário o uso da tecnologia, de bancos de dados, de perfil genético, de profissionais treinados, a exemplo do que ocorre nos Estados Unidos.

No próximo capítulo segue o estudo de dois casos emblemáticos de *serial killers*, um americano e outro brasileiro, respectivamente, o caso Ted Bundy e Pedrinho Matador. A partir deles, é possível verificar como ocorreram as investigações, quais os crimes cometidos, a utilização do perfil criminal, a persecução penal e a execução da pena.

4 ESTUDO DE CASOS

O primeiro caso, envolvendo o assassino Ted Bundy é um caso de grande repercussão americana, e a partir dele é possível verificar as fases percorridas pelos *serial killers*. Neste caso, o próprio Bundy auxiliou, mesmo que por pouco tempo, nas investigações, ensinando e mostrando o que deveria ser visto na mente de um assassino em série.

De igual modo, segue o caso Pedrinho Matador, que teve grande repercussão no Brasil, e a partir dele é possível vislumbrar, na prática, como as fases dos assassinatos em série funcionam, qual foi o desfecho final desse caso e como hoje se encontra o personagem central desse triste história real.

4.1 CASO TED BUNDY

“Eu quero dominar a vida e a morte.”

Ted Bundy



Figura 1 - Ted Bundy

Theodore Robert Cowell, conhecido pela alcunha Ted Bundy, nasceu em Vermont nos EUA, em 24 de novembro de 1946. Ele era filho de Louise Cowell e nunca chegou a conhecer seu pai, uma vez que é fruto de um encontro casual entre sua mãe e um segurança com quem havia saído algumas vezes. Louise não possuía condições de criar o filho sozinha, o que a forçou a voltar a morar com seus pais na Filadélfia. Por conta do rigor extremo de seus avós, que tinham vergonha de que a vizinhança soubesse que sua filha era mãe solteira, Ted passou vários anos de sua vida achando que sua mãe era sua irmã mais velha, conforme demonstra Silva⁴³ em sua obra. Ademais, o seu avô, seu então pai, era violento e batia frequentemente em sua esposa. Toda essa história de vida, já demonstra algumas das características comuns entre *serial killers*, especialmente o cenário de violência no núcleo familiar.

O primeiro indício dado por Bundy de que algo não estava certo, foi aos três anos de idade quando entrou no quarto de sua tia com facas na mão e as enfiou no colchão da cama onde ela dormia. Ela levantou assustada e levou as facas de volta para a cozinha, mas ao relatar o acontecido aos outros moradores da casa, todos pensaram que aquele comportamento era apenas uma travessura de criança.

Algum tempo depois Louise casou-se com Johnnie Culppeper Bundy (o sobrenome que Ted escolheu adotar veio do marido de sua mãe) e se mudaram para Washington, quando ele tinha 4 anos. Bundy sempre teve boas notas na escola e era considerado um aluno exemplar e de inteligência aguçada, no entanto, era conhecido também por seu temperamento difícil, principalmente pelas chacotas e humilhações que passava, e por suas explosões de ódio. Na adolescência, já se viam seqüelas emocionais refletidas em seu comportamento: era tímido, infantil, solitário e divertia-se mutilando animais, esta última representa uma característica comum, considerada como um dos três sinais de perigo relacionados aos *serial killers*. Em sua juventude foi detido algumas vezes por arrombamento de automóveis e por invadir algumas casas com o intuito de espionar as moradoras.

Com 21 anos se apaixonou e iniciou um namoro com uma moça de boa família, Stephanie Brooks⁴⁴, e condição financeira muito boa. Bundy acabava por passar boa parte de seu tempo com a família da namorada e costumava viajar com eles aproveitando a boa vida que o dinheiro proporcionava. Nessa época Bundy não teve mais problemas com a lei e

⁴³ SILVA, Ana Beatriz. **Mentes perigosas: o psicopata mora ao lado.** [S.l.: s.n.], 2014. p. 11.

⁴⁴ Stephanie Brooks - Pseudônimo adotado por Diane Edwards após a prisão de Ted Bundy.

passou a ser apenas uma pessoa normal, todavia, um ano depois sua namorada terminou o relacionamento, o que o levou a uma depressão profunda e a perder o amor por tudo o que gostava, inclusive pelos estudos.

Marta e Mazzoni⁴⁵ demonstram que a situação veio a piorar quando, pouco tempo depois do término, Bundy descobriu que quem ele pensava ser sua irmã mais velha na realidade era sua mãe. A partir daí tornou-se frio e obcecado por estar no controle de tudo e ser sempre o melhor no que fizesse, tanto que retomou os estudos e se formou na faculdade de Psicologia com as mais altas honras.

Em 1969, começou um novo relacionamento com Meg Anders e passou a morar com ela. Nessa época Bundy entrou para a faculdade de Direito e trabalhou em várias campanhas do Partido Republicano Americano, chegando a ser condecorado pelo departamento de polícia local.

Bundy deu realmente início a sua vida criminosa em 1974, onde sua primeira vítima, a jovem Linda Ann Healy, desapareceu de sua casa deixando para trás apenas suas roupas manchadas de sangue. Nessa mesma época Susan Clarke foi agredida brutalmente em sua casa, mas sobreviveu aos ferimentos e recuperou-se completamente alguns meses após os fatos. As autoridades não correlacionaram os crimes.

Em 12 de março do mesmo ano, Donna Manson de apenas 19 anos desapareceu enquanto estava a caminho de um concerto. Em 17 de abril foi a vez de Susan Rancourt, 18 anos, desaparecer enquanto caminhava até o cinema local para encontrar-se com um grupo de amigas.

Os desaparecimentos misteriosos continuaram acontecendo e causando pânico na população. Em 6 de maio, Roberta Parks não voltou para casa após sair para um passeio. Dia 01 de junho, Brenda Ball, 22 anos, simplesmente desapareceu após ser vista em Seattle, com um homem, até então desconhecido. Alguns dias depois outra jovem entrou para a lista de desaparecidas, Georgeann Hawkins, 18 anos, desapareceu em Seattle após ir visitar seu namorado, conforme trazido por SILVA (2014).

Após todos esses desaparecimentos com tantas semelhanças a polícia percebeu que os crimes estavam conectados e perceberam que havia certo padrão na escolha das vítimas. Todas eram jovens, bonitas, cabelos escuros na mesma altura e arrumados de forma que

⁴⁵ MARTA, T. N.; MAZZONI, H. M. O. **Assassinos em série: uma questão legal ou psicológica?** Revista USCS, São Caetano do Sul, v. 1. n. 17, p. 21- 37, jul/dez, 2009.

ficavam repartidos ao meio. As semelhanças eram tantas entre as vítimas que algumas delas pareciam irmãs gêmeas.

A lista de jovens desaparecidas ainda aumentou. No mesmo dia, Janice Ott e Denise Naslund desapareceram quando estavam com seus respectivos grupos de amigos à beira do lago Sammamish. Neste caso em específico, a polícia não estava às cegas, pois haviam testemunhas que disseram ter visto uma das jovens conversando com um homem que estava com o braço immobilizado em uma tipoia e que se apresentava como Ted.

A partir desta nova informação as autoridades descobriram que várias garotas naquele dia no lago haviam sido abordadas pelo mesmo homem, as garotas disseram que o homem pedia ajuda para prender o transportador de seu barco à vela em seu carro. A maioria das moças recusou-se a segui-lo até o local onde ele dizia ter estacionado o veículo por achar a conversa estranha demais. Uma das jovens abordadas por Ted relatou a polícia que chegou a ver o carro do suspeito e descreveu o veículo como um Fusca Volkswagen.

Agora a polícia tinha um nome e características tanto do suspeito como de seu veículo, começaram então as buscas por alguém que se enquadrasse no perfil criminal traçado. As autoridades receberam vários telefonemas de pessoas falando sobre pessoas que se enquadram nas características dadas, um desses telefonemas citava o nome de Ted Bundy. A polícia na época chegou a investigar Bundy, porém, ele demonstrava ser um homem tão íntegro que a polícia acreditou que o telefonema fosse apenas fruto do rancor de alguém para com Bundy, tirando assim seu nome da lista de suspeitos.



Retrato falado do suspeito

Figura 2 - Retrato falado feito após os desaparecimentos no Lago Sammamish

Casoy⁴⁶ traz em sua obra que a polícia não demorou a procurar Meg Anders, atual namorada de Bundy na época. Com sua ajuda, montaram o perfil do suspeito, seus hábitos e personalidade. Várias datas foram apresentadas a ela, exatamente as noites dos assassinatos, e sua resposta foi de que Ted não estava com ela. Meg contou ainda que ele tinha o hábito de dormir durante o dia e sair à noite, no entanto, ela não sabia para aonde ia.

Meg também revelou aos investigadores que o interesse de Bundy por sexo também havia diminuído no último ano, e que quando questionou o parceiro, ele propôs que realizassem suas fantasias de escravidão. Porém, ela chegou à conclusão de que não suportaria por muito tempo aqueles jogos, o que causou descontrole nele.

Meg também contou aos investigadores que, em seus primeiros encontros com Bundy, ela notou que ele guardava em casa gesso para bandagens, mas não sabia os motivos para isso. Em seu carro, certa vez, também chegou a ver uma machadinha. E se lembrou que Ted havia visitado Lake Sammamish Park em julho, onde supostamente havia ido praticar esqui aquático. Exatamente uma semana depois que ele esteve no lago, Janice Ott e Denise Naslund foram declaradas desaparecidas.

Depois de muitas horas de interrogatório com Meg, os investigadores resolveram procurar por Stephanie. Foi a partir daí que eles descobriram sobre seu atual caso com Bundy, e como ele também mudara seu comportamento repentinamente. Com essas informações, não demorou para que fizessem as contas, e concluíssem que ele estava se relacionando com Meg e Stephanie ao mesmo tempo, mas nenhuma sabia da outra. Era uma vida dupla, cheia de mentiras e traições, além da vida criminosa descoberta mais tarde.

Em relação ao *modus operandi*, no início ele invadia casas e violentamente atacava suas vítimas. Porém, depois ele foi aperfeiçoando sua forma de agir traçando um plano mais elaborado e uma forma digamos mais organizada de agir, assim, sendo carismático, charmoso e bonito, Bundy usava esses atributos para abordar as mulheres fingindo precisar de ajuda para carregar livros ou sacolas de compras até seu carro, alegando que sofria de alguma lesão e, por isso, ele costumava immobilizar um dos braços em uma tipoia ou engessá-lo. Assim que elas chegavam até o automóvel, ele as agredia até que perdessem a consciência e depois as levava para seu cativeiro. Depois de mortas, Bundy costumava manter os cadáveres por vários dias, então lavava o cabelo deles e fazia uma maquiagem, antes de decapitar e introduzir objetos em suas vaginas. Essa era a assinatura dele, um registro de que aquele tipo de comportamento o pertencia.

⁴⁶ CASOY, Ilana. **Serial Killer – Louco ou Cruel?** 6 Ed. São Paulo, Madras, 2014.

Nos meses seguintes os corpos das vítimas desaparecidas começaram a ser encontrados em locais variados, isso levou a polícia a crer que logo encontrariam o assassino.

Em outubro de 1974, dessa vez em Utah, o mesmo padrão de desaparecimentos começou a ocorrer. A primeira vítima foi Nancy Wilcox, seguida de Melissa Smith, logo depois foi à vez de Laura Aimeed e Debbie Kent que entrarem para a lista de mulheres desaparecidas. No mesmo dia do sumiço de Debbie uma jovem chamada Carol DaRonch sofreu uma tentativa de sequestro no shopping local. Mais uma vez todas as vítimas seguiam o mesmo padrão, todas tinham as mesmas características físicas, o que levou a polícia de Utah a usar a lista de suspeitos da polícia de Seattle. Essa lista levou novamente a Ted Bundy, pois era na faculdade de Utah que Bundy cursava Direito, mas devido à brutalidade com que os corpos das vítimas eram encontrados, a polícia acreditava estar à procura de alguém louco e esquisito e não de um estudante de Direito com várias horas de serviços prestados à comunidade. Ted Bundy foi mais uma vez colocado de lado nas investigações.

Após os crimes de Seattle e Utah, foi a vez do Colorado se tornar a área de caça de Bundy. As vítimas sumiam das mesmas formas e com as mesmas características. A este ponto a polícia e o FBI já sabiam que estavam lidando com um *serial killer*. Alertas foram espalhados e o pânico instalou-se entre a população, principalmente entre as mulheres que possuíam as mesmas características das vítimas.

Outras evidências foram descobertas. Lynda Ann Heally, sua primeira vítima, foi ligada a Bundy através de uma prima dele, amiga comum, além do fato de fazerem algumas aulas de psicologia juntos na Universidade de Washington; um amigo disse ter encontrado algumas cintas liga no porta-luvas do carro dele; Bundy ficou bastante tempo em Taylor Mountain, local onde os diversos crânios de suas vítimas haviam sido encontrados. Quando já estava com a sua credibilidade com as autoridades praticamente arrasada, foram descobertas compras de gasolina em seus cartões de crédito nas mesmas cidades e datas do desaparecimento de suas vítimas.

Um amigo de Bundy deu cartada final para os investigadores: disse tê-lo visto engessado numa época em que não havia nenhum registro de qualquer passagem dele por algum hospital, e mesmo assim ele continuou se declarando inocente.

A primeira prisão de Bundy ocorreu em agosto de 1975. Ele estava preparado para cometer mais um crime quando foi interceptado por uma viatura da polícia que achou sua atitude suspeita. Quando o policial revistou seu carro notou que o veículo não possuía banco de trás e onde deveria haver um banco na realidade havia uma barra de ferro, uma meia calça

com dois furos, cordas, algemas e um picador de gelo. Ao revistar o porta luvas o policial encontrou recibos de postos de gasolinhas de Seattle ao Colorado, no mesmo instante Bundy foi preso.

Conforme trazido por CASOY (2014) e Sousa⁴⁷ Carol DaRonch, uma das vítimas que conseguiu escapar dele, foi chamada à Corte para poder depor e identificá-lo, no momento em que o avistou confirmou que Bundy era o “Oficial Roseland”, o mesmo homem que havia tentando raptá-la, o que tornou a situação dele mais difícil, já que ele não tinha álibi para aquela noite, porém continuava alegando ser inocente das acusações.

Enquanto Bundy era levado a julgamento pela tentativa de sequestro de Carol, a polícia e o FBI trabalhavam a todo vapor para ligar todos os outros assassinatos a ele. O veículo usado por ele foi milimetricamente vasculhado e fios de cabelos de algumas das vítimas encontrados.

Garcia⁴⁸ demonstra que a avaliação psicológica de Bundy o descreveu como psicótico, neurótico, controlador, alcoólatra, usuário de drogas, e com um enorme desvio sexual. Além disso, chegaram a conclusão de que ele tinha uma forte dependência por mulheres e medo de ser humilhado em seu relacionamento com elas. Ademais, as vítimas de Bundy se pareciam com sua mãe quando era mais jovem, e algumas também se pareciam um pouco com sua primeira namorada, Stephanie. Além disso, ele é classificado e reconhecido como uma mistura entre o *serial killer* organizado e desorganizado. Apesar de ser altamente inteligente, pensar meticulosamente desde como iria abordar e atacar a vítima, sem deixar vestígios no local, até a execução do crime, assim como, no pós-assassinato; em alguns momentos agia de forma imatura, principalmente quando algo saía de seu controle já que ele tinha a obsessão por estar no controle de tudo após seu término com Stephanie, e a descoberta que sua até então irmã era na verdade sua mãe.

Por todos os elementos descritos, é classificado como *serial killer libertino*, uma vez que a dor e sofrimento infligidos em suas vítimas estavam intimamente ligados com sua libido, ou seja, ele encontrava prazer sexual enquanto praticava os crimes.

Bundy ainda conseguiu fugir da prisão duas vezes e em uma dessas fugas voltou a matar. Em um de seus julgamentos, onde ele mesmo se defendia sem ser assistido por outro

⁴⁷ SOUSA, Klaucyane de Fátima. **Serial killers: prisão ou tratamento?**

⁴⁸ GARCIA, Carlos Dante. **A quem o assassino mata?**. São Paulo: Editora Atheneu, 2013.

advogado, teve todos os seus argumentos de defesa derrubados a partir de prova pericial que conectava a sua arcada dentária com marcas de mordida no corpo de uma das vítimas.

Em dezembro de 1983, Bundy, que já estava no corredor da morte, se ofereceu para ajudar a encontrar o Assassino de Green River, e nessa ocasião ele ofereceu pistas, uma visão da mente de um *serial killer* aos detetives. Ele disse que o assassino provavelmente conhecia algumas de suas vítimas, e que provavelmente mais delas foram enterradas nas áreas de despejo onde as outras haviam sido encontradas.

Em 24 de janeiro de 1989 Ted Bundy foi executado na cadeira elétrica. Antes de morrer Bundy pediu desculpas a sua mãe por toda dor que estava fazendo-a passar. Ironicamente a pessoa que girou a chave da cadeira elétrica na execução de Ted Bundy era uma mulher que tinha exatamente as mesmas características de todas as suas vítimas.

A frase mais famosa de Bundy é “*Nós, serial killers, somos seus filhos, nós somos seus maridos, nós estamos em toda a parte. E haverá mais de suas crianças mortas no dia de amanhã. Você sentirá o último suspiro deixando seus corpos. Você estará olhando dentro de seus olhos. Uma pessoa nesta situação é Deus!...*”, e ela mostra exatamente como esses indivíduos se sentem quando estão cometendo seus crimes. Casoy também traz em sua obra que Ted Bundy ficou conhecido como o “Picasso” dos *serial killers*.

4.2 CASO PEDRINHO MATADOR

“Estou fazendo um bem para a sociedade, limpando o mundo de covardes”
Pedrinho Matador



Figura 3 - Pedrinho Matador

Pedro Rodrigues Filho, “Pedrinho Matador”, como ficou conhecido, nasceu em 30 de outubro de 1954, em Santa Rita do Sapucaí, Minas Gerais. Conforme abordado por Mendes⁴⁹, sua mãe, Emanuela, ainda estava grávida quando seu pai, Pedro, a golpeou com chutes na barriga, o que teria ocasionado a Pedrinho afundamento no crânio, e vale salientar aqui a coincidência - demonstrada no primeiro capítulo - de vários *serial killers* terem sofridos lesões na cabeça durante a infância.

Segundo conta em diversas entrevistas, teve uma infância bastante humilde, precisando trabalhar com seu pai e seu avô desde muito novo, não podendo, assim, frequentar a escola. Disse ter aprendido a atirar ainda na infância, quando saía para caçar animais com seu avô. Além disso, Pedrinho desde a infância também lançava fogo em casas e carros, e esse é um dos três sinais de perigo apresentados por *serial killers* durante a infância, adolescência e vida adulta - conforme demonstrado no primeiro capítulo do presente trabalho.

Com 14 anos de idade, matou o vice-prefeito de Alfenas, Minas Gerais, com uma espingarda que pertencia ao seu avô, em frente à prefeitura da cidade, por ter demitido seu pai, que era guarda escolar, o acusando de roubar merenda. Depois matou um vigia, que supunha ser o verdadeiro ladrão.

Após os crimes em Alfenas, ele fugiu para Mogi das Cruzes, São Paulo, onde começou a roubar bocas-de-fumo e matar traficantes. Conheceu a viúva de um líder do tráfico, Botinha, e passou a viver junto a ela. Assumiu as tarefas do falecido e logo foi "obrigado" a eliminar alguns rivais, matando três deles. Morou em Mogi até Botinha ser executada pela polícia. Ele conseguiu escapar dos policiais, mas não abandonou a venda de drogas e montou o próprio negócio.

Após esses acontecimentos se envolveu com Maria Aparecida Olímpia. Ele a encontrou morta a tiros, e na busca para encontrar quem cometera o crime torturou e assassinou várias pessoas. Quando soube que se tratava de um traficante rival, ele invadiu a festa de casamento deste com quatro amigos e matou, além do assassino de Maria, outras seis pessoas, além de deixar dezesseis feridas. Na época, ele ainda não havia chegado à maioridade.

Pedrinho foi preso em 1973, com apenas 18 anos, após ser condenado a 126 anos de prisão. Acredita-se que ele tenha assassinado 47 pessoas na prisão dentro das 9 instituições pelas quais passou sendo transferido de uma a outra, incluindo o próprio pai. *“Já matou na rua, no refeitório, na cela, no pátio e até no ‘bonde’ - o camburão, na linguagem dos*

⁴⁹ MENDES, Gabrielle Renata Quaresma. **A CONSTRUÇÃO DO PSICOPATA BRASILEIRO PELO JUDICIÁRIO E PELA MÍDIA: Um estudo do “caso Pedrinho Matador”.**

bandidos", escreveu a revista Época. Eram "pessoas que não prestavam", disse referindo-se a estupradores e traidores. Numa prisão de Araraquara degolou com uma faca sem fio o homem acusado do assassinato de sua irmã. "Era meu amigo, mas eu tive de matar", disse.

Em relação a execução de seu próprio pai, foi na cadeia onde ambos cumpriam pena - outro ponto, abordado anteriormente, em comum entre alguns *serial killers* é o histórico de crimes dentro da família - após ficar sabendo que este havia matado sua mãe com 21 golpes de facão. Pedrinho tinha 20 anos na época. "*Ele deu 21 facadas na minha mãe, então dei 22*", disse numa entrevista para o jornalista Marcelo Rezende para um programa da Record. "*O povo diz que comi o coração dele. Não, eu simplesmente cortei, porque era uma vingança, não é? Cortei e joguei fora. Tirei um pedaço, mastiguei e joguei fora*", explicou ainda.

Ele também explicou durante a entrevista que tinha um revólver preso à cintura, mas que usou a peixeira no momento do assassinato. E quando perguntado por Marcelo como havia conseguido o revólver, disse que havia prendido um policial numa cela e lhe tirado a arma.

É também demonstrado por MENDES que em 2003, mesmo tendo sido condenado a 126 anos de prisão, quase foi libertado, mas em razão dos crimes cometidos dentro do cárcere, teve sua pena aumentada para mais de 400 anos de prisão. A decisão que negou a liberdade de Pedrinho na época teria sido embasada no argumento de que os crimes cometidos após o início do cumprimento da pena devem iniciar nova contagem. Foi solto em 2007, tendo sido preso quatro anos depois, aos 57 anos, pela participação em motins.

Como *modus operandi* costumava usar uma faca para cometer seus assassinatos, mas em entrevista à revista Época, Pedrinho disse ter matado cerca de 10 pessoas quebrando-lhes o pescoço. É interessante perceber que ele possui características de *serial killers* organizados e desorganizados. Um dos pontos que mais demonstra a desorganização em suas ações é com que tipo de arma ele matava suas vítimas, pois em diversas vezes usou o que tinha ao seu alcance no momento, e se não havia arma acabava por quebrar o pescoço delas.

Ilana Casoy⁵⁰ afirma, em relação ao perfil criminal, que Pedrinho não é um justiceiro como ele se intitula, mas sim um vingador, por matar aqueles que ele considera como o que há de pior na sociedade. Ela também afirma em entrevista à Folha de São Paulo que ele:

[...]acaba exercendo fascínio nas pessoas. É reflexo de uma sociedade que a gente tem, de um país onde só 10% dos homicídios são resolvidos. Traz essa visão

⁵⁰ CASOY, Ilana. **Arquivos serial killers. Made in Brazil, histórias reais, assassinos reais.** Rio de Janeiro: Darkside Books, 2012. (Crime Scene).

distorcida. O problema é que as vítimas de Pedrinho não tiveram direito a um advogado, como ele teve. (CARDOSO, 2018)⁵¹

Já os psiquiatras Antonio José Elias Andraus e Norberto Zoner Jr., que o avaliaram em 1982 para um laudo pericial, escreveram que a maior motivação de sua vida era "*a afirmação violenta do próprio eu*" e o diagnosticaram em seu perfil psicológico com "*caráter paranóide e anti-socialidade*". Pedrinho também revela que sentia alívio quando cometia um homicídio e que assim descarregava sua raiva, vale ressaltar aqui que ele se enxergava como um justiceiro. E que logo após a consumação do ato não sentia nada.

A partir disso, pode-se notar que há fortemente em Pedrinho características frias e uma disposição para descarregar no outro seu comportamento agressivo, permeado pelo ódio. É evidente em Pedrinho a ausência da capacidade de conseguir se colocar na situação do outro, isto por haver nele uma temeridade causada por uma imaturidade psicológica e alteração no comportamento psico-afetivo, social e intelectual. As origens dessas características frias e reações emocionais impulsivas são moldadas por uma construção de afetos superficiais e pobres que recebeu ao longo de sua vida. (SOUZA, 2014)⁵²

Trazendo, assim, à tona mais características comuns entre *serial killers*, que é sofrer diversos tipos de abusos na infância, não conseguir sentir empatia pelas vítimas, os crimes são uma forma de colocar para fora o que há dentro deles, e por último, e não menos importante, ele apresenta as características de um *serial killer missionário*.

Afirma que matava pessoas que mereciam morrer, “*para defender sua honra, os mais fracos e os amigos*” também afirma que nunca matou mulheres e crianças e que não tolera estupradores, razão pela qual teria jurado de morte Francisco de Assis Pereira, conhecido como “O Maníaco do Parque”.

Pedrinho Matador é, em número de mortes, o maior *serial killer* brasileiro, e o 5º maior do mundo. Foi condenado por 71 homicídios, mas assumiu a autoria de mais 54 de 100, sendo 47 desses homicídios dentro do próprio sistema penitenciário. É o homem que recebeu a maior pena no Brasil, teria sido condenado, ao todo, a 400 anos de prisão.

Pedrinho afirma que quando matava não hesitava, pois se no momento do crime falhasse, o morto seria ele. Tinha tatuado no braço esquerdo: “*Mato por prazer*”, atualmente em cima desta tatuagem tem um escorpião, além desta tatuagem também cobriu a palavra “*vingança*” e onde possuía estampada em sua pele a imagem do diabo, hoje está uma tatuagem tribal.

⁵¹ CARDOSO, William. **Maior serial killer do Brasil vira comentarista de crimes e faz sucesso no YouTube**. Folha de S. Paulo, 2018

⁵² SOUZA, Monique Maria Campolina de. **OS EFEITOS DO COMPORTAMENTO TRADUZIDOS PELOS FATORES E AÇÕES QUE ENGENDRAM A PERSONALIDADE PSICOPÁTICA**. Revista Athenas, Minas Gerais, vol. I, ano. III, jan.-jul. 2014.



Figura 4 - Pedrinho Matador atualmente

Atualmente Pedrinho está em liberdade, afirma que se converteu ao cristianismo, pratica luta, ainda, se diz arrependido pelos seus atos e se tornou Youtuber gravando vídeos como comentarista de crimes, além de ter participado de alguns PodCasts, e diz ter o objetivo de aconselhar aos jovens a não optarem pela a vida criminosa.

Apesar de se dizer arrependido, em entrevista ao programa “Conexão Repórter” do SBT afirmou que não se arrepende em momento algum das pessoas que matou, até porque como já demonstrado anteriormente, ele se reconhece como um justiceiro - não como um vingador - mas se arrepende de todos os anos que perdeu de sua vida encarcerado por ter assassinado diversas pessoas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A psicopatologia forense nos coloca dentro do campo do estudo das patologias mentais, notadamente daqueles indivíduos que cometem crimes. É utilizada também para facilitar as investigações e logicamente auxiliar os investigadores na elucidação de casos complexos.

Conforme exposto, o trabalho abordou em que consistem as patologias mentais dos *serial killers*; seus respectivos tipos; suas características; fases; *modus operandi* e assinatura, e o perfil de suas vítimas. Com base em tais elementos é possível, na fase da investigação, traçar-se o perfil do criminoso e correlacioná-lo com os vestígios do crime para facilitar a elucidação do caso.

Sabe-se que a captura do suspeito e a busca pela confissão não representa uma tarefa fácil, para tanto existem métodos e programas utilizados para que o trabalho da polícia seja eficiente.

Abordadas as características que cercam os *serial killers* - como pensam, agem, como são suas vítimas, como é feita a perfilação e como a investigação é realizada, foi possível visualizar em dois casos reais, caso Bundy e Pedrinho Matador, como tudo isso funciona, principalmente em relação ao primeiro, já que a maior parte das informações neste trabalho contidas tem como fonte os EUA, onde há mais casos emblemáticos sobre a matéria tratada e onde as técnicas de investigação são mais apuradas.

Em análise ao caso Bundy, percebe-se claramente como se deu a sua iniciação na prática do crime – ele apresentava sinais de ser diferente, passou por inúmeros problemas psíquicos, o *modus operandi* dos crimes, mostra como há uma evolução em suas condutas delitivas, ou seja, quanto mais crimes são cometidos, mais se aperfeiçoa o modo de agir, já que para os *serial killers* o crime é uma obra de arte. Em relação a sua decepção amorosa, após o término com Stephanie, entrou num período depressivo profundo que o fez perder qualquer gosto pelas coisas que fazia, uma dessas coisas eram os estudos, e quando pouco tempo depois descobriu que sua irmã na verdade era sua mãe, foi o estopim para que começasse a ter obsessão por controle nas situações pelas quais passava, tornando-se uma pessoa fria. Depois disso, resolveu ser o melhor nas coisas que fazia, acabou retornando aos estudos e iniciou realmente sua vida criminosa. Após cometer o primeiro assassinato, sua sede de matar e a vontade de estar no controle da situação e a vontade de submeter suas vítimas aumentou, aperfeiçoou sua assinatura - que era demonstrada em como tratava os corpos de suas vítimas - e atuava sempre diante de vítimas com mesmo perfil. Referidas características auxiliaram nas investigações e, mais do que isso, funcionaram como a chave para a solução e desfecho das investigações.

Diante do caso Pedrinho Matador, percebe-se algumas diferenças em relação a Bundy, principalmente em como ocorreram as prisões, o processo e o fim dos dois casos, tendo em vista as diferenças existentes nas respectivas legislações pátrias apesar de existirem semelhanças quanto aos meios probatórios. Particularmente em relação a Pedrinho Matador, foi possível observar que desde o ventre de sua mãe, Pedrinho já sofria com abusos provenientes de seu pai - por conta dos chutes desferidos na barriga durante a gravidez, nasceu com um afundamento no crânio - cresceu vendo a violência, iniciou sua vida criminosa aos quatorze anos, houve uma evolução em suas condutas delitivas durante os anos

e passou praticamente sua vida sendo transferido de instituições, até ser libertado. Restou demonstrado também como agia, afirmava ser um justiceiro, o *modus operandi* as vezes se modificava dependendo do que ele tinha no momento para executar o crime: facas, armas de fogo ou até mesmo as próprias mãos. Todas as ações e características apresentadas em seus crimes fizeram parte de seu perfil criminal, onde se observa que ele é uma espécie de vingador, levando em consideração os motivos que ele afirmava ter para matar suas vítimas.

Diante de todo exposto, conclui-se que o perfil criminal é útil nas investigações porque é a partir dele que a lista de suspeitos vai diminuir, e a partir disso a investigação vai assumir determinada linha a ser seguida. Porém, não é algo absoluto, já que quanto mais informações forem obtidas na investigação, mais o perfil vai sendo refinado.

Conclui-se, portanto, que o perfil criminal nos casos em que figuram *serial killers* representa uma ferramenta útil, mas não suficiente, tanto na área científica da psicopatologia, como na área jurídico-criminal, pois para se solucionar um crime, ou nesse caso, uma série de crimes iguais e cometidos pelo mesmo indivíduo é importante entender mais a fundo quem os pratica e, na fase investigativa, contar com provas a serem produzidas valendo-se de um aparato tecnológico, como banco de dados contendo informações genéticas, bem como da atuação de profissionais especializados e em número suficiente para levar a cabo o processo de identificação da autoria e materialidade delitiva dos assassinatos em série.

Por fim, vinda assim, vale ressaltar que os *serial killers* não são apenas pessoas apontadas pela visão estereotipada da cultura pop, com um padrão comportamental uniforme, pois apesar das características marcantes, há muito mais por trás dessas mentes criminosas, a desafiarem os agentes de investigação, as forças tarefas, os psicólogos, psiquiatras forenses e demais operadores do direito que atuam na área criminal.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Julio Cezar de. **Qual é a diferença entre *modus operandi* e assinatura de crime?** Disponível em: <<https://www.megacurioso.com.br/ciencia/117542-qual-e-a-diferenca-entre-modus-operandi-e-assinatura-de-crime.htm>>. Acesso em: 27 jun. 2021.

BARROSO, Sabrina Martins. **Curso de Psicopatologia Forense**. João Pessoa. 2017.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 10 abr. 2022.

BRASIL. Decreto-Lei nº 3.689, de 3 de outubro de 1941. **Código de Processo Penal**. Rio de Janeiro, RJ: Presidência da República. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del3689.htm>. Acesso em: 10. abr. 2022.

CARDOSO, William. **Maior serial killer do Brasil vira comentarista de crimes e faz sucesso no YouTube**. Folha de S. Paulo, 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/12/maior-serial-killer-do-brasil-vira-comentarista-de-crimes-e-faz-sucesso-no-youtube.shtml>>. Acesso em: 06. mai. 2022.

CASOY, Ilana. **Serial Killer – Louco ou Cruel?** 6 Ed. São Paulo, Madras, 2014.

_____. **Arquivos serial killers. Made in Brazil, histórias reais, assassinos reais**. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2012. (Crime Scene).

GARCIA, Carlos Dante. **A quem o assassino mata?**. São Paulo: Editora Atheneu, 2013.

GUIMARÃES, Rafael Pereira Gabardo. **O perfil dos assassinos em série e a investigação criminal**. Disponível em: <http://www.escola.pc.pr.gov.br/sites/espc/arquivos_restritos/files/documento/2020-05/artigo_5_rafael_pereira_gabardo_guimaraes.pdf>. Acesso em: 09 abr. 2022.

KLEINFELD, N. R. ;GOODE, Erica. **RETRACING A TRAIL: THE SNIPER SUSPECTS; Serial Killing's Squarest Pegs: Not Solo, White, Psychosexual or Picky**. New York Times, New York, 28, out. 2002. Seção A. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2002/10/28/us/retracing-trail-sniper-suspects-serial-killing-s-squarest-pegs-not-solo-white.html>>. Acesso em: 29 mar. 2022

LOPES JÚNIOR, Aury Celso Lima. **Direito processual penal**. 18º Ed. Rio de Janeiro, Saraiva, 2021.

MENDES, Gabrielle Renata Quaresma. **A CONSTRUÇÃO DO PSICOPATA BRASILEIRO PELO JUDICIÁRIO E PELA MÍDIA: Um estudo do “caso Pedrinho Matador”**. Disponível em: <<https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/12130/1/GRQMarques.pdf>>. Acesso em: 06. mai. 2022.

MARTA, T. N.; MAZZONI, H. M. O. **Assassinos em série: uma questão legal ou psicológica?** Revista USCS, São Caetano do Sul, v. 1. n. 17, p. 21- 37, jul/dez, 2009.

MENDONÇA, Ricardo. **O monstro do sistema.** Revista Época, 2003. Disponível em:<<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR57160-6014,00.html>>. Acesso em: 06. mai. 2022.

RÁMILA, Janire. **Predadores Humanos: o obscuro universo dos assassinos em série.** São Paulo: Madras,2012.

RESSLER, Robert Kenneth; SHACHTAMN, Tom. **Mindhunter Profile: Serial Killers.** Rio de Janeiro. Darkside Books. 2020.

ROLAND, Paul. **Por dentro das mentes assassinas: a história dos perfis criminosos.** São Paulo: Madras, 2014.

SCHECHTER, Harold. **Serial killers, anatomia do mal.** Rio de Janeiro: Darkside Books, 2016

SILVA, Ana Beatriz. **Mentes perigosas: o psicopata mora ao lado.** [S.l.: s.n.], 2014. p. 11.

SOUZA, Klaucyane de Fátima. **Serial killers: prisão ou tratamento?** Disponível em: <https://monografias.brasilescola.uol.com.br/direito/serial-killers-prisao-ou-tratamento.htm#indice_27>. Acesso em: 27 jun. 2021.

SOUZA, Monique Maria Campolina de. **OS EFEITOS DO COMPORTAMENTO TRADUZIDOS PELOS FATORES E AÇÕES QUE ENGENDRAM A PERSONALIDADE PSICOPÁTICA.** Revista Athenas, Minas Gerais, vol. I, ano. III, jan.- jul. 2014.